

Thélio Queiroz Farias



BINGO!

Reminiscências de um Cachorro: *uma cãografia*



Em *Da dificuldade de ser cão* (2000), Roger Grenier faz uma das mais belas cogitações a respeito da literatura e da nossa natureza — nós, os que lhe somos devotos: e se “a literatura fosse um animal que arrastamos ao nosso lado, noite e dia, um animal doméstico e exigente, que jamais nos deixasse em paz, que fosse preciso amar, alimentar, levar para passear?”

A pretexto de homenagear Bingo, seu simpático mascote, Thélío Farias parece embarcar na cogitação de Grenier, fazendo o que de melhor tem feito ao longo de sua carreira como escritor e bibliófilo: mobilizar um saber quase enciclopédico em torno de obsessões particulares que já nos renderam obras-primas, como sua recente biografia de Pedro Américo (1843–1905).

Mas como pode um olhar que se aprofundou sobre um dos maiores intelectos do século XIX voltar seu interesse agora para um reles cachorro, mistura de poodle com lhasa, que nunca estudou e que, o que sabe, aprendeu de ouvir?

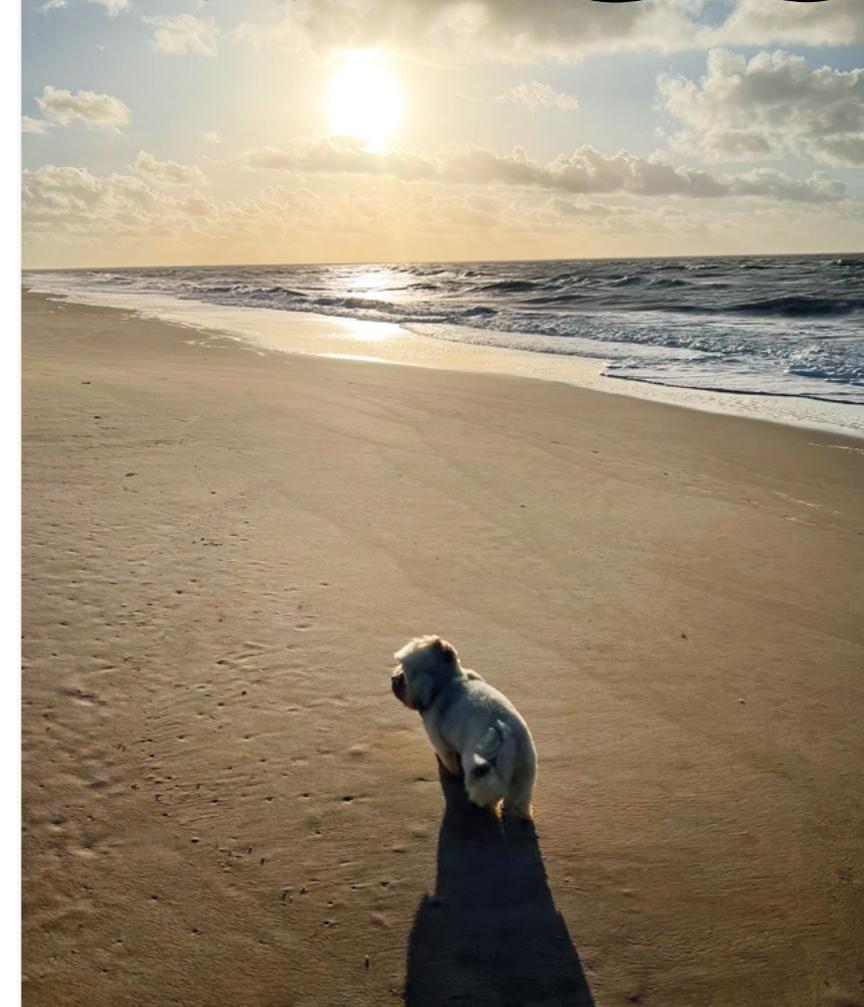
É uma pergunta que alguma alma menos sensível pode se fazer, sem atentar para um compromisso que o escritor Daniel Galera (outro apaixonado por cães, como Thélío) resumiu muito bem em um de seus mais famosos romances: os cachorros abdicam do seu instinto para viver conosco, os humanos. “Um cachorro fiel é um animal aleijado”, e esse tipo de pacto pode ser desfeito somente pelos cães, embora seja algo raro, mas jamais pode ser desfeito por nós, que não temos esse direito.

Honrando o pacto de fidelidade firmado com seu cãozinho, Thélío Farias revela não apenas sua curiosa história, mas toda uma genealogia de cães que tornaram a arte e a literatura esses animais que, como conclui Grenier, nós amamos e detestamos, e que “nos dá tristeza de morrer antes de nós, já que a vida de um livro dura tão pouco nos dias de hoje”.

Que este texto seja um afago na orelha de Bingo e de todos os cães contemplados por este livro.

Tiago Germano,
escritor e pai de César, um dachshund feroz

BINGO!





Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Editorial

Eli Brandão da Silva

Assessoria Técnica

Thaise Cabral Arruda

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura



Universidade Estadual da Paraíba

Profª. Célia Regina Diniz | *Reitora*
Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Latus é um selo da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Antonio de Brito Freire | *Editor Técnico*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)
Alberto Soares de Melo (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Copyright © 2025 Thélío Queiroz Farias

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Editoração e Projeto Gráfico

ZabadDesign
Gisela Abad
Talita Lima

Tratamento de Imagem

Super Imagem
Robson Lemos

Revisão

Kyanja Lee

Fotografias de Bingo

Carolina Steinmuller Farias

Ilustrações

Thaís Steinmuller Farias

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

F224b Farias, Thélío Queiroz.
BINGO! Reminiscências de um Cachorro [recurso eletrônico] : uma cãografia / Thélío Queiroz Farias ; prefácio de Neide Medeiros Santos ; ilustração de Thaís Steinmüller Farias. – Campina Grande : EDUEPB-Latus, 2025.
88 p. : il. color. ; 15 x 21 cm.

ISBN: 978-65-83083-11-1 (Impresso)
ISBN: 978-65-83083-17-3 (4.000 KB - PDF)
ISBN: 978-65-83083-16-6 (Epub)

1. Literatura Infantil. I. Título.

21. ed. CDD 028.162

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

BINGO!

Reminiscências de um Cachorro:

uma cãografia

TEXTO

Thélío Queiroz Farias

FOTOGRAFIAS DE BINGO

Carolina Steinmuller Farias

ILUSTRAÇÕES

Thaís Steinmuller Farias



Campina Grande
2025

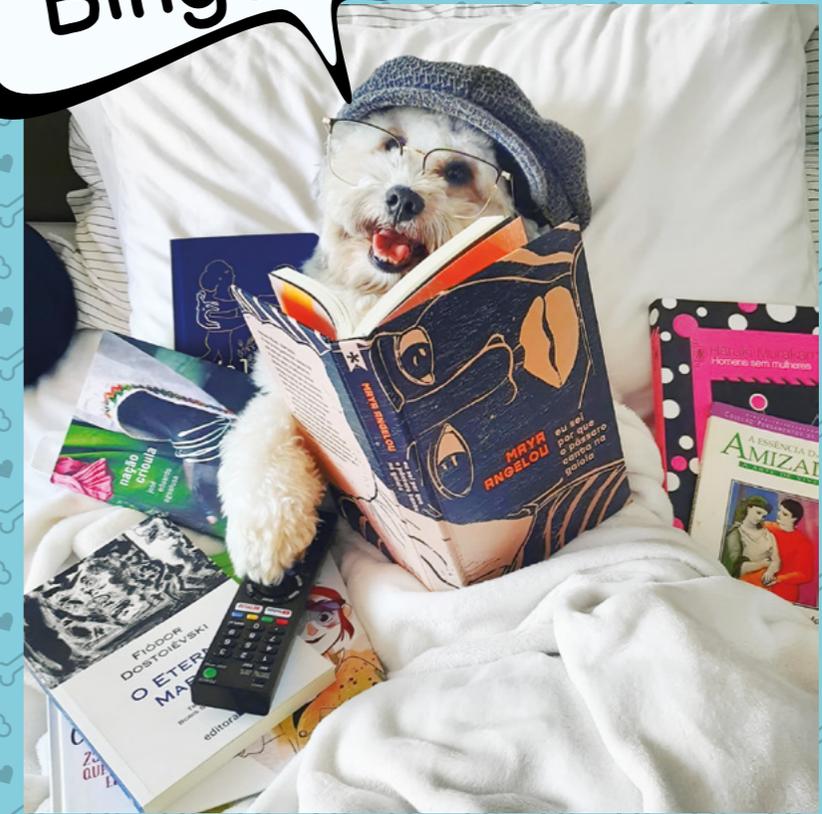


II Digamos que aquele cão era quase um especialista nas relações com os humanos. II

Manuel Alegre (1936), escritor e poeta português

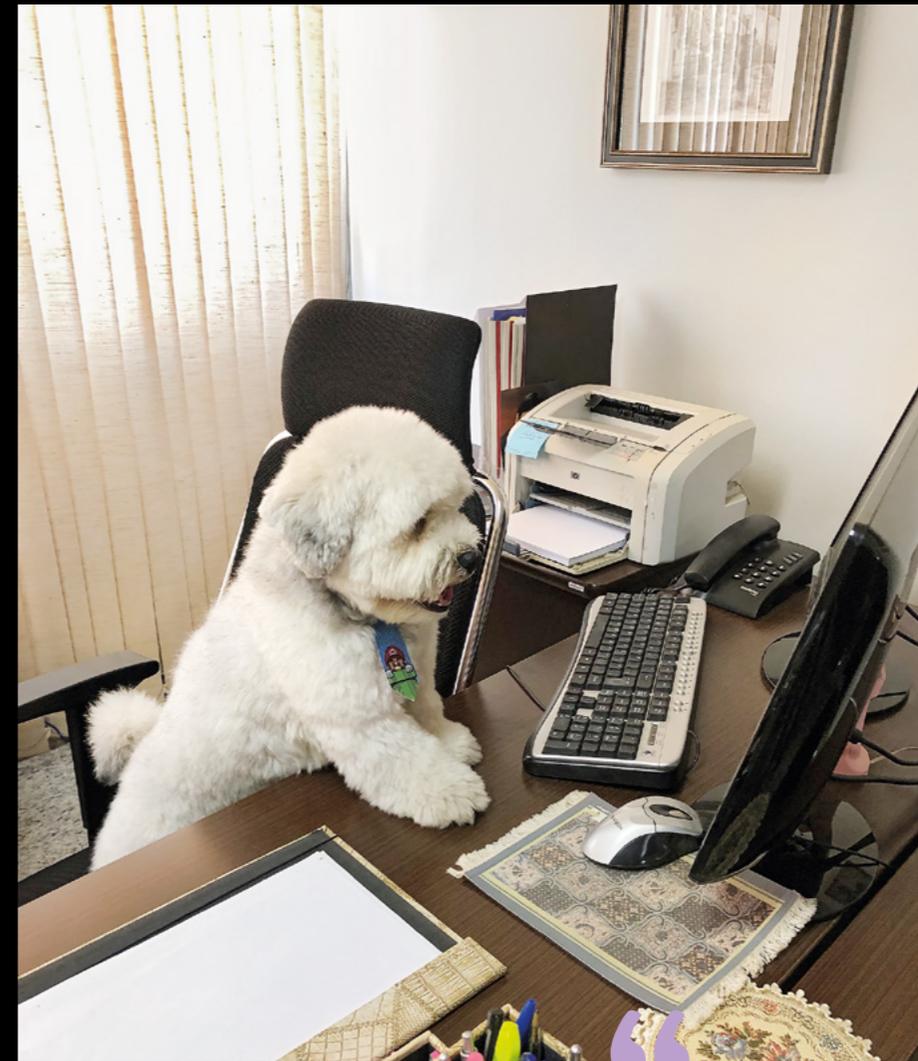


Oi, este sou eu:
Bingo!



“Eu nascera sabendo
que os **animais** em
qualquer circunstância
superavam os
filhos de Deus.”

*Nélida Piñon (1937–2022),
escritora carioca*



“Amar os **animais** é
um aprendizado de
humanidade.”

*Guimarães Rosa (1908–1967),
escritor mineiro*

“ Encontro nos **cachorros**
mais humanidade que nos
homens. ”

José Saramago (1922–2010),
escritor português



“ ...**vira-lata** qualquer é
mais substancioso em
solidariedade que a maioria
de nosostros humanos de
linhagens variadas. ”

Evandro Affonso Ferreira (1945),
escritor mineiro



BINGO!

uma cãografia 

Neide Medeiros Santos

Bingo! Reminiscências de um Cachorro: uma cãografia, livro de Thélío Queiroz Farias, com ilustrações de Thais Steinmüller Farias, oscila entre duas modalidades literárias: é destinado ao público juvenil e também é informativo. O autor é escritor, advogado, poeta e pesquisador. Já incursionou pela poesia, literatura infantil e escreveu a biografia de Pedro Américo, que incluiu uma vasta pesquisa. Trata-se, portanto, de um escritor de múltiplas facetas.

O protagonista do livro é um cachorrinho de estimação da família e também o personagem-narrador. Através de suas observações e reflexões, tomamos conhecimento de fatos ligados à família, do período da pandemia, quando todos deveriam ficar em casa, e de suas opiniões sobre livros e escritores.

Logo nas primeiras páginas, o (a) leitor(a) se depara com a foto de um cão muito bem sentado em uma cama, cercado por vários livros e segurando um deles com as patas dianteiras. Quanto à raça, é uma mistura de poodle com lhasa. Sua origem repousa em terras longínquas, mas isso não importa muito. Certamente tem um pouquinho de vira-lata, afinal, é brasileiro de nascimento.

Bingo lamenta o pouco convívio que teve com sua mãe e irmãos. O dono do canil desconhecia a Lei Áurea e, ainda novinho, foi vendido como um escravo. Felizmente, foi morar na residência de pessoas que abominam a escravidão. Adotado por uma menina que logo se apaixonou pelo cãozinho, ele passou a ser cercado de carinho e muitos cuidados. No novo lar, iniciou uma nova vida e, com o tempo, tornou-se cada vez mais humano.

Animais domésticos, assim como as pessoas, têm um nome. Com este cãozinho não foi diferente. O adulto que o comprou era fã dos Beatles e pensou em batizá-lo de Ringo, em alusão a um dos músicos do famoso conjunto inglês. Mas a menina que seria sua verdadeira dona, já decidida, preferiu um nome mais brasileiro e escolheu Bingo. E assim ficou.

O livro pode ser dividido em duas partes. Na primeira, tudo se relaciona com a chegada de Bingo, seu cotidiano e o da família que o adotou. O período de pandemia, quando todos deveriam permanecer em casa, foi até um bom momento para ele, pois recebia mais atenção. Outra coisa importante é que a Covid-19 não afetava cães nem gatos. Felizmente! Bingo pôde desfrutar de brincadeiras, afagos e carícias dos filhos do casal. Quando tudo voltou à normalidade, retomou-se a rotina: passeios no parque, brincadeiras com os amigos da rua, paqueras com as cadelinhas da vizinhança. Esta primeira parte recebeu criativas ilustrações de Thais Steinmüller Farias.

No segundo e terceiro momentos – “Alguns cães famosos consagrados na literatura mundial” e “Os poetas e as despedidas” – são apresentados exemplos de escritores que escreveram sobre seus amigos fiéis, com excertos de livros que ressaltam esse amor pelos animais.

Na literatura infantojuvenil, existe uma categoria de livros que tem ganhado muito destaque nos últimos anos: os informativos para crianças e jovens. O segundo e terceiro momentos da narrativa se enquadram bem nessa nova modalidade. Fotos, informações, frases e poemas de escritores e artistas sobre animais estão presentes, oferecendo um panorama enriquecedor de conhecimentos. Ressaltem-se as notas de rodapé, que funcionam como informações adicionais para melhor compreender as explicações dadas no decorrer da história. Nesta segunda parte, as ilustrações são substituídas por fotos.

Vários escritores passeiam pelas memórias de Bingo com pensamentos reflexivos sobre os animais, como este de Drummond: “A superioridade do animal sobre o homem está, entre outras coisas, na discrição com que sofre”. E Bingo, um cão escritor com ares de filósofo, conclui que realmente os cães sofrem discretamente. Examinem esta sua observação: “Nunca estudei. O que sei aprendi de ouvir. Ou de viver”. Essa passagem lembra a personagem Baleia, de Graciliano Ramos, a mais humanizada das personagens do escritor alagoano. Em carta à mulher, Heloísa Ramos, datada de 7 de maio de 1937, assim se expressou:

“Escrevi um conto sobre a morte duma cachorra, um troço difícil como você vê: procurei adivinhar o que se passa na alma de uma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás”.

Ainda sobre a personagem Baleia, Hermegildo Bastos, em percuciente ensaio – “Inferno, alpercata, trabalho e liberdade em Vidas Secas” –, afirma que, quando Baleia sonha ou delira ou agoniza, opina sobre Fabiano, os destinos dele, dela própria e de todos – homens e natureza.

Guimarães Rosa tinha predileção por gatos, mas cães também aparecem em seus livros, como Pingo de ouro, cadelinha do personagem Miguilim. A psicanalista Nise da Silveira, por sua vez, não podia ver um cão ou gato abandonado sem levá-lo para casa, utilizando esses animais como terapia para pacientes com transtornos mentais. Nise da Silveira não teve filhos e direcionou todo o seu amor aos animais e a seus pacientes.

Dois fatos chamam a atenção do(a) leitor(a) com relação ao amor que os cães despertam em seus donos. Machado de Assis tinha uma cadelinha chamada Graziela. Quando ela desapareceu, ele colocou um anúncio no jornal oferecendo uma boa quantia a quem a encontrasse e devolvesse. Graziela foi devolvida e, anos depois, mereceu um soneto elegíaco em sua memória. Pablo Neruda, por sua vez, escreveu uma elegia ao seu cachorro em um dos seus poemas mais belos, intitulado *Un perro ha muerto*, que foi citado e transcrito no livro de Thélío.

Bingo! Reminiscências de cachorro: uma câografia é um livro original, uma fábula moderna rica de informações. Após sua leitura, a vontade é sair à procura dos livros citados, assistir ou rever os filmes protagonizados por cães e conhecer mais histórias desses fiéis companheiros dos homens e das mulheres.

BINGO!

Reminiscências de um cachorra.



Sou um contador de histórias. Ou melhor, um “cãotador” e resolvi falar de mim, um pouco de minha vida canina. Poderia começar com “era uma vez”, mas não sei...

Não sei ao certo minha raça. Ao nascer, ouvi dizer que era um poodle. A confirmar, é uma origem nobre, europeia: alguns afirmam que veio da França, outros dizem que é originária da Alemanha. Escutei também que seria uma mistura de poodle com lhasa. Lhasa veio do Tibete, território hoje ocupado pela China. Aliás, Lhasa é o nome da capital e maior cidade tibetana. Dentro de mim, sinto que tenho alguma ascendência vira-lata. Alguém falou isso... Que na minha mistura genética, a raça – ou a falta dela – também estava presente. Tenho para mim que uma certa astúcia que possuo origina-se exatamente dessa linhagem (ou falta dela) de vira-lata.

Não sei bem!
Nunca estudei.
O que sei, aprendi de ouvir.
Ou de viver.

¹ Ed. Dom Quixote, 18ª edição, Lisboa, 2002.

² Manuel Alegre de Melo Duarte (1936) é poeta e escritor português, nascido na cidade de Águeda, com vasta obra publicada em gêneros como poesia, ficção, literatura infantil, ensaios, crônicas e discursos. Vencedor do Prêmio Camões em 2007. Deputado em várias legislaturas, foi candidato à Presidência de Portugal em 2006, perdendo para Alberto Cavaco Silva.

³ Considerado um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, Joaquim Maria Machado de Assis (1839 – 1908) escreveu praticamente em todos os gêneros literários (poesia, romance, crítica literária, dramaturgia, conto, folhetim, jornalismo etc.). Foi fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, que hoje é chamada de “Casa de Machado de Assis”.

⁴ O espanhol Miguel de Cervantes (1547–1616) é considerado o pai do romance moderno. Seu livro *Dom Quixote de La Mancha* é considerado um dos livros mais vendidos da história mundial.

Uma vez, o humano mais velho da casa, que apreciava muito leituras, pegou um livro no qual figurava um colega meu na capa: um cachorro, é claro! Lá estava escrito, *Cão como Nós*¹, com o nome de um escritor português chamado Manuel Alegre². Como nós, quem? Não entendi, mas ele – o humano – leu um trecho do livro que ficou na minha memória:

“Digamos que aquele cão era quase um especialista nas relações com os humanos”.

Essa frase nunca saiu de minha cabeça canina. Não sei explicar o motivo, mas resolvi observar mais os humanos à minha volta.

Decidi também contar minha história num período em que as pessoas que me cercam, bem de repente, mudaram seus comportamentos.

Não venha dizer, leitor, que cão não sabe contar histórias. Quem disse? Nunca leu Machado de Assis³, que relatou que o cão de Quincas Borba falava: “A vida não é naturalmente nem boa nem má”? E os dois cachorros Cipião e Berganza, que escreveram uma verdadeira análise psicológica da vida dos humanos e pediram para Miguel de Cervantes Saavedra⁴, um





Nasci assim!
Hoje estou de
outra cor.

amigo que morava perto do hospital de Valladolid, emprestar seu nome para publicar o livro? *E Flush*⁵, o cachorro britânico da era vitoriana, pertencente à poetisa Elizabeth Barrett Browning, que teve suas memórias escritas por Virgínia Woolf. Clarice Lispector⁶ amava um cachorro (“um pouco neurótico”) chamado Ulisses, que conseguiu latir uma história sendo o narrador do livro infantil *Quase de Verdade*, afirmando que Lispector compreendia o idioma dos bichos. Lembro que um dia ouvi que um cachorro foi enterrado na cidade de Taperoá⁷, com cerimônia conduzida em latim por um padre e tudo. Quanto mais relatar memórias! Que preconceito!

Então, vamos lá!

Minha vida foi sempre monótona. Aliás, quase sempre. Uma adorável e deliciosa monotonia! Sonhava com o tédio e tinha medo de terminar minha vida como a colega Baleia – a cadela descrita pelo alagoano Graciliano Ramos em *Vidas Secas*⁸ –, que fantasiava com um mundo “todo cheio de preás, gordos, enormes”⁹, mas, na verdade, morreu foi da forma mais triste: de fome. O que eu queria era apenas manter minha monotonia confortável e de barriga cheia.

Mesmo assim irei contar minha história, uma cãografia.

Ao nascer, não tive direito nem de conviver com meus irmãos e irmãs. De minha mãe, lembro apenas de ter me amamentado por alguns dias, talvez semanas, quem sabe um mês. Era tão pequeno que a memória não permite clareza. O que recordo parece uma técnica que ouvi falar certa vez, que um italiano chamado Leonardo¹⁰ utilizava em suas pinturas: *sfumato*. Fumaça mesmo! Assim, como fumaça, ficou pouca coisa para evocar de minha família. Não sei quem foi meu pai, de minha mãe só rememoro as tetas – que meus irmãos queriam roubar de mim, devido ao bom fluxo de leite materno no qual eu me deleitava. Quanta desumanidade, ou melhor, quanta cachorridade!

Certo dia, no entanto, o “dono” de minha mãe, que se considerava também meu dono, desconhecendo a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888 (que acabou

⁵ Ed. Penguin Companhia, São Paulo, 2020.

⁶ Nascida na Ucrânia, Clarice Lispector (1920–1977) se considerava pernambucana, por ter morado na infância e adolescência no Recife. Um dos maiores nomes da literatura brasileira.

⁷ Referência ao clássico da dramaturgia nacional, *O Auto da Compadecida*, do paraibano Ariano Suassuna.

⁸ Graciliano Ramos (1892–1953) nasceu em Quebrangulo, Alagoas. Foi romancista, cronista, jornalista, político e memorialista. *Vidas Secas*, publicado em 1938, é seu livro mais célebre, com sucessivas edições desde o seu lançamento, tendo sido adaptado para o cinema por Nelson Pereira dos Santos (1963).

⁹ In *Vidas Secas*, 140ª edição, ed. Record, 2019.

¹⁰ Leonardo da Vinci (1452–1519) foi dos maiores gênios da humanidade. Pintor, cientista, escultor, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, botânico etc.



com a escravidão no Brasil), e, ainda pior, sequer aplicando a Lei do Ventre Livre, que libertava os filhos de escravos desde o distante ano de 1871, resolveu me vender. Vender, sim! Veja, ele me considerava um escravo, ou, na melhor das hipóteses, um objeto. Fui colocado no mercado, que era repleto de grades que me separava dos meus irmãos. Estava à venda!

Comecei a escutar conversas, falatórios. O “senhor de escravos” falava com outra pessoa num aparelho que os humanos chamam de telefone: “Olhe, ele é uma mistura de poodle com lhasa, de uma ninhada especial! Possui um olhar terno! É um cão especial”. As palavras até que eram bonitas, já o interesse não: mercantil, apenas. Após outras conversas telefônicas, das quais eu só escutava um lado, ouvi um “Tudo certo, negócio fechado” e senti que era comigo: tinha sido negociado!

La dizer que não ganhei nada com o “negócio fechado”, mas, na verdade, ganhei. Tive sorte! Fui escolhido por uma menina, com seus aproximadamente catorze anos. Quando ela chegou, vi seus olhos brilhando, o que acelerou meu coração. Só podia ser ela! Morena clara, sorridente, ela veio me pegar, colocou-me nos seus braços e me deu abraços que exalavam um amor gratuito. Senti carinho pela primeira vez em minha existência. Era algo diferente! Gostoso! Eu também sorri e abanei meu rabo. Fui com a menina no banco de trás de um meio de locomoção, que os humanos conhecem como automóvel. Meu destino me aguardava.

Cheguei em minha casa. Minha, porque iria, a partir daí, morar nela até que a morte nos separe. Eu seria o “adotado”. Seria, sim! Em verdade, passei a adotar minha verdadeira dona humana, que era a mãe da menina que me escolheu. Não tive motivo para escolhê-la. Talvez simpatia à segunda vista. Segunda? Sim. Porque no trajeto entre o local em que vi o mundo e minha nova casa, pensava em escolher a menina, a adolescente que me deu minhas primeiras doses extras de amor. Essas coisas eu não consigo explicar direito. Como diria aquele escritor paraibano com nome de cobra, um tal de Suassuna, “não sei, só sei que foi assim”¹¹.

Minha casa não era uma casa. Casa, era a forma de dizer, termo que os humanos utilizam também para designar o “lar”. Passei a viver num apartamento, que é algo como várias casas empilhadas, uma em cima da outra, como alguns cães fazem com ossos.

No apartamento, fui apresentado à minha “habitação”, uma caixinha toda forrada, bem confortável, que ficava numa área perto da cozinha, que os da casa chamavam de área de

¹¹ In *Auto da Compadecida*, 39ª edição, ed. Nova Fronteira, 2018.

serviço. Foi-me dito, pela minha dona – a que escolhi por amor à segunda vista –, que ali era o local para que eu fizesse minhas necessidades e onde sempre estariam duas tigelas, uma com água e outra com comida. Também fiquei sabendo que, se eu não fizesse minhas “evacuações” fisiológicas no local apropriado, iria ser punido severamente. Um detalhe: essas punições nunca foram realmente aplicadas, ah ah ah...au, au, au.

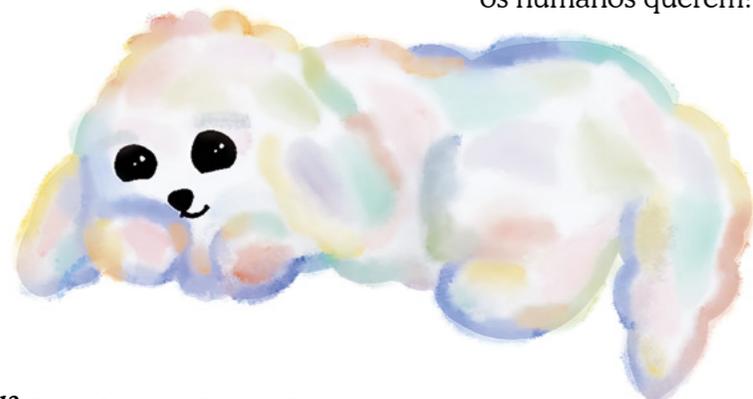
Ouvi um debate, uma discussão sobre a escolha do meu nome. Os mais velhos queriam homenagear besouros! Besouros, sim. Uns besouros que faziam barulho numa cidade inglesa intitulada Liverpool: uns tais de *Beatles*! Escutei sugestões de batismo como Lennon, Paul, George e, especialmente, Ringo, uma homenagem a um branquelo conhecido como Ringo Starr¹², que batia bumbo com os outros besouros. Fiquei achando o nome estranho. Na verdade, não gostei. Quem me salvou foi a menina, que disse que o nome era complicado. Tirou a estrela e trocou o “R” do baterista dos besouros por “B”. E, bingo! Virei Bingo, simplesmente Bingo! Nome fácil e fluido. Fiquei feliz!

Pois bem. Após o período de adaptação, passei a conviver com todos os humanos da casa. Até o “patrão”, como falava a cozinheira, parecia boa gente, embora no início optasse por manter certa distância. Distância educada, sim. Mas distância... Em alguns momentos, tirava o sapato e passava seu pé nas minhas costas. Eu ficava em dúvida se era carinho ou se ele estava limpando seus membros inferiores... nunca se sabe o que os humanos querem!

A menina tinha um irmão menor, que brincava comigo. O menino tinha o prazer especial de me atazanar e chegava até mesmo a interromper meu sono, sequestrando-me de debaixo da cama para encher o meu saco. Sim, perturbar o meu sossego! Eu latia, corria de um lado para o outro, latia mais alto, mas ele não entendia o que eu dizia: “Vá catar coquinho, me deixe em paz!”. Tudo bem, passei a gostar dele. Com o tempo, fui me acostumando às

suas brincadeiras e passei a sentir nelas a forma que ele tinha de expressar que gostava de mim. Sinto até falta quando ele se esquece dessas traquinagens. Esses humanos são estranhos!

Além da cozinheira, a casa tinha outra funcionária, que era gentil comigo, sem o calor da primeira, que normalmente era



¹² Ringo Starr, ou Richard Starkey (1940), é britânico de Liverpool, músico e compositor. Consagrou-se mundialmente como o baterista dos “Beatles”. Após o fim da banda, lançou carreira solo e continua a fazer shows pelo planeta.





quem me levava para os meus dois passeios diários, em que eu tinha o privilégio de ver o mundo, fazer xixi em árvores e postes (umas árvores gigantes que dão luz na parte superior), discutir com outros cachorros na minha língua, paquerar as cadelas da rua – que faziam o mesmo que eu –, enfim, exercitar, nem que seja um pouco, minha suposta genética de vira-lata.

Eu tinha uma cisma com a funcionária número dois. Desconfiava que ela não gostava de mim. Por tal motivo, azedava a relação. Um belo dia, estando de férias com a família na praia, ela me levou para passear no final de tarde. Eu amo esses passeios, mas queria ir com o menino ou com a cozinheira. Por um impedimento ou outro, tive que ir com a funcionária dois. Tive que ir, mas aprontei! Ao atravessar um grupo de rapazes que jogavam futebol na areia da praia, parei no meio do jogo, dentro do campo imaginário, no exato centro, onde observava as duas pequenas traves, uma de cada lado. Travei, relaxei e fiz cocô. Fiz minhas necessidades no meio do jogo, bem à vontade. A funcionária ficou ruborizada, morta de vergonha. Pegou minhas fezes com um saco plástico e pediu – e repetiu – desculpas, enquanto os dois times olhavam para nós e discutiam indignados com a situação “cãótica”. Não disse nada além do meu sorriso sarcástico...

Eu já disse que nós, os cães, possuímos memória de elefante? Vou relatar o que ocorreu outro dia. Essa mesma funcionária me levou para o pet shop, algo como um centro de tortura para cachorros modernos, com grades que parecem campos de concentração nazista. Eu não queria tomar banho, mesmo assim, ela insistiu e me conduziu. Como eu não poderia fazer muita coisa, ao chegar à recepção do estabelecimento, me aliviei. Fiz xixi e cocô, na frente de todo mundo: funcionários, clientes, prestadores de serviços, fornecedores etc. Fiquei rindo por dentro e, mais uma vez, matei de vergonha quem me obrigava a tomar banho.

Querido leitor, preciso deixar claro que não sou um cachorro ruim, mas, às vezes, sou rebelde, afinal, também sou de carne e osso, e tenho sentimentos. Na verdade, queria que ela me desse mais atenção, como falava o livro que já mencionei, do português Manuel Alegre:

“Querida que lhe prestassem atenção, ser o centro, ainda que para tal, mesmo já depois de muito ensinado, tivesse que mijar o chão da cozinha ou, em ocasiões de especial susceptibilidade, o tapete da sala.”

Minha dona era “carne e unha” comigo. Eu a seguia para todo canto na casa. Do quarto ao gabinete. Da cozinha ao *home theater*. Da sala à biblioteca. Eu fiquei sendo a sombra dela. Uma espécie de segurança. Quando ela adormecia, eu estava ao seu lado e, ao primeiro barulho, latia fortemente! No início, não conseguia ficar distante dela e, com o tempo, parece que as coisas mudaram, e ela ficou dependente de mim. Na prática, passei a ser o proprietário dela. Será que sou egoísta? Um poeta que gostava de pedras, que só falava de pedra no meio do caminho, chamado Drummond¹³, disse que “o cão é um egoísta; quer o homem para seu dono”. Na verdade, como disse, eu me sinto como possuidor dela, uma espécie de chefe. Mas vou continuar a chamá-la de “dona”, para o leitor entender melhor e, especialmente, para não arranhar a relação. Os humanos adoram pensar que mandam!

Aos poucos, fui pousando no quarto do casal, como quem não quer nada, e, quando menos se esperava, já estava dormindo embaixo da cama. Dia após dia. O quarto passou a ser meu refúgio, e posso dizer que adoro o conforto sob a cama. Amo! Principalmente nos meses quentes, que são a maioria na minha região, uma terra vestida de sol. No quarto, tinha um aparelho que soltava um ventinho frio, deixando o ambiente bem geladinho. Era o local ideal, especialmente quando meus pelos estavam grandes.

Eu pensava sobre o frescor do ambiente: delícia, que maravilha!

Quando minha dona saía do apartamento por qualquer motivo, eu não hesitava em esperá-la. Algumas vezes, ela retornava rápido, em uns vinte ou trinta minutos. Outras, demorava tanto que parecia que o tempo não andava: uma eternidade! Eu ficava resiliente, firme, sem praticamente me mexer, sentado à porta, com o coração recheado de saudades. Não tirava os olhos do elevador, aguardando que essa caixa de aço se abrisse e, de forma mágica, minha dona aparecesse. Ela sempre aparecia e eu sempre sorria, latindo, tal qual o cachorro de Roberto Carlos na canção *O Portão*¹⁴. Arnaldo Antunes, poeta e roqueiro, falou que “os rabos dos cachorros servem como risos¹⁵.”

¹³ O mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902–1987) foi um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, consagrado pela crítica e pelas ruas. Nascido em Itabira, escreveu também contos e crônicas. Alguns dos seus livros são clássicos insuperáveis da poesia brasileira, como *Brejo das Almas* (1934), *Sentimento do Mundo* (1940), *José* (1942), *Rosa do Povo* (1945), dentre outros.

¹⁴ A canção *O Portão* foi lançada em 1974, no álbum “A Cigana”, de Roberto Carlos. A música é uma das muitas parcerias com Erasmo Carlos e diz em um dos seus versos: “Eu cheguei em frente ao portão/ Meu cachorro me sorriu latindo/ Minhas malas coloquei no chão/ Eu voltei.”

¹⁵ Verso de um dos poemas do livro *Todos*, ed. Iluminuras, 7ª edição, 11ª reimpressão, São Paulo, 2009.



Em poucas palavras,
esta é minha biografia.
Simples e singela.

Sem maiores novidades. Sei, amigo leitor, que a vida de um cão pode parecer monótona, e que a minha rotina parece se repetir dia após dia, mas, ainda assim, irei relatar o meu viver.

“Queria sempre estar conosco a sós. Ladrava ao carteiro, ao electricista, a quem quer que não fosse da casa. Cão exclusivista. Mas também ator. Quando havia visitas mudava de tática...” (Manuel Alegre)

Eu sempre acordava cedo. Arranhava a porta do quarto e batia as patas no chão até que alguém, ele ou ela, resolvesse abrir. Quando retardava, eu ficava pensando se eles não sabiam que eu tinha necessidades e queria cumprir o combinado: fazer xixi no local acertado, na área de serviço, nos jornais que ficavam perto de minha caixinha.

Liberada minha saída, corria para me aliviar, o que muitas vezes fazia em cima de imagens de humanos que apareciam em jornais, em ridículas poses que chamam de “sociais”. Divertia-me bastante mijando em pessoas, notadamente em personalidades que eu não gostava.

Logo chegava a cozinheira e ia passear comigo, numa pracinha perto do prédio. Voltava do passeio alegre e satisfeito. Meus donos saíam para os seus compromissos. Os filhos iam para as suas escolas. Eu tirava bons cochilos, comia até me fartar, tomava água, me deitava de barriga para cima. Pensava: “Isso que é vida!”

Após o meio-dia, a casa voltava a ter movimento. Hora do almoço: todos retornavam para se alimentar. Nisso, nós, os cachorros, e os humanos, somos absolutamente iguais. Na mesa de refeição, com meu olhar terno e com jeito de “pidão”, sempre conseguia um bom pedaço de filé de carne, um peixe – tilápia é meu predileto –, uma salsicha ou linguiça, mas não gostava de salmão, camarão ou bacalhau. Talvez por ter origem vira-lata, essas comidas chiques não me atraíam.

No turno da tarde, novamente minha vida caía na rotina, tranquilidade, ócio... idêntico



passeio, agora na sua versão vespertina; retorno, volta do movimento à casa, leituras dos meus donos, televisão, filmes, seriados, dormida no ar-condicionado... uma existência tranquila! Adoro filmes com animais, especialmente com cachorros, muitos dos quais viram heróis. Cheguei até mesmo a sonhar em participar de algum filme desses, que iria me dar notoriedade e fama.

De repente, não mais que de repente, comecei a ouvir falar em uma coisa perigosa, que podia mudar o mundo, destruindo vidas, cidades e países. Abri mais minhas orelhas, porque queria ficar por dentro desse assunto.

Escutei no jornal da televisão que uns chineses tinham comido morcego – animalzinho muito feio, me desculpem a sinceridade, numa cidade de nome Wuhan¹⁶, muito mais distante que Lhasa, que também é na China. E havia tido uma mudança numa doença que os humanos chamam de vírus e, por isso, toda essa cidade de Wuhan, que era gigante e tinha milhões de pessoas morando nela, estava fechando as portas para tentar controlar essa doença.

Fiquei preocupado! Mas, depois de pensar um pouco, concluí que a China era muito longe e essa peste, que os humanos deram o nome de coronavírus, não chegaria por aqui. Acreditei ser um surto limitado a uma região chinesa, como, mais ou menos, foi o surto de vírus ebola na África Ocidental, entre 2013 e 2016. Ademais, quando os humanos queriam que alguém desaparecesse, fosse para um lugar inalcançável, não falavam “Vá pra China!”?

Acreditava eu, na minha canina inteligência, que os humanos da casa pensavam igualzinho. Não só os da casa, mas os da cidade, do estado e do país. Continuaram suas vidas saindo para trabalhar, fazer exercícios, passear, estudar, ir a restaurantes, viajar, enfim, tocando a normalidade de suas existências.

Mas, um dia, parece que tudo mudou. O vírus resolveu fazer o caminho inverso de Marco Polo¹⁷, aquele navegador italiano que foi à China, descrevendo o mundo oriental de forma maravilhosa, num livro que inspirou filmes, séries e sonhos. Reza a lenda que foi Marco Polo o primeiro a levar várias raças de cachorros orientais para a Europa. Talvez os lhasas, não sei! Não sou historiador, como já disse, o que sei aprendi na experiência de viver.

As notícias eram de que a doença tinha chegado, ao mesmo tempo, ao Oriente Médio e à Itália. O Irã – a antiga Pérsia – e a Itália estavam repletos de casos desse coronavírus, e as autoridades médicas desses países pediam aos governos o fechamento de todo



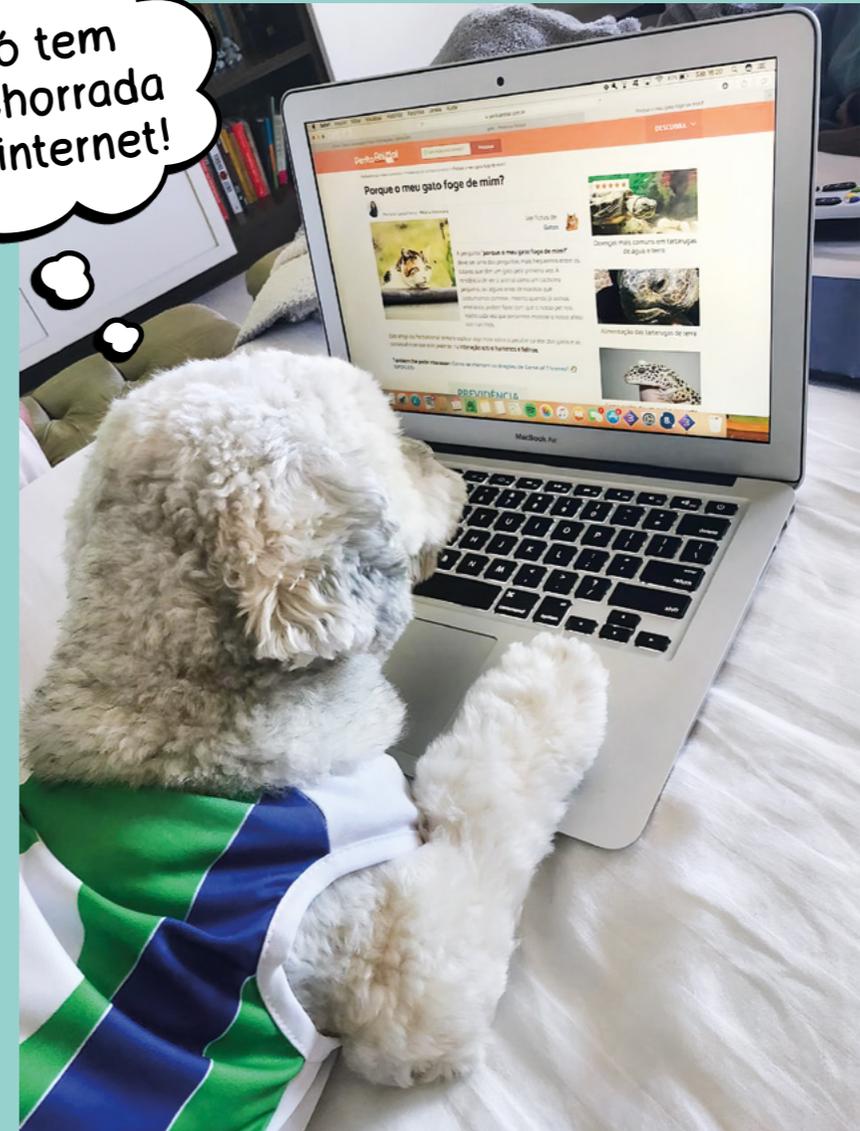
Papa Francisco acaricia um cachorro em evento no Vaticano.

¹⁶ Wuhan é a capital e maior cidade da província de Hubei, na China. É a cidade mais populosa no centro da China, com mais de dez milhões de habitantes, a sétima maior do país. Sua região metropolitana possui população superior a dezenove milhões de pessoas. Conhecida como a “Chicago da China”, foi fundada há mais de 3500 anos.

¹⁷ O mercador veneziano Marco Polo (1245–1324) fez uma grande viagem para o Oriente e morou mais de vinte anos na China. Registrou suas aventuras em *As viagens de Marco Polo*, sendo o primeiro europeu a descrever suas experiências de viagens no Império chinês.



Só tem
cachorrada
na internet!



o comércio, com exceção de serviços essenciais, para evitar a disseminação da grave doença. Muitas cidades, até então repletas de humanos nas ruas e praças, transformaram-se em cidades desertas, silenciosas, da cor do asfalto.

Atento, escutei no telejornal que a transmissão poderia ser feita por simples gotículas, que saíam da boca de um humano infectado ou mesmo por contato com as mãos. Assustei-me! Com as mãos? Todos da casa gostavam de me pegar, acariciar, brincar comigo. A situação começava, na minha cabeça, a ficar difícil. Acreditei que seria um castigo por minhas traquinagens, e o medo, pela primeira vez na vida, me abraçou.

Logo imaginei que esse vírus coroado chegaria por aqui. Se, quando o mundo era bem mais isolado, pragas como a varíola ou a gripe espanhola aportaram no Brasil, que dirá agora, no mundo globalizado, onde humanos voam em latas aéreas, indo e vindo para todos os locais do planeta?!

Pensei que iria morrer! Logo eu, tão jovem, com uma existência canina inteira pela frente. Angustiei-me. Fiquei intrigado, desconfiado, de orelha em pé, preparando-me para o pior. Também me preocupei com os meus iguais, meus irmãos caninos, muitos dos quais não tinham sequer um lar para chamar de seu. Ainda bem que o Papa Francisco¹⁸, um famoso velhinho simpático, disse que “os cachorros vão para o céu”¹⁹. Com um nome como Francisco²⁰, aquele santo que entendia a minha língua e a de outros animais, não poderia ser diferente. Ele, o Papa, que é uma espécie de procurador de Deus na Terra, chegou a falar que “um dia, veremos nossos animais novamente na eternidade de Cristo”²¹. Se viesse o pior, ao menos ainda teria a esperança do Paraíso...

Certa noite, quando descansava embaixo da cama, ouvi um repórter falando naquela caixa de sons e imagens. Ele disse que nós, os cães, e até os gatos – esses meus rivais inferiores – não somos transmissores da doença e também não somos atingidos por ela. Até podemos pegar uma “coronavirose”, mas em uma configuração que dificilmente pode roubar a vida de um cachorro como eu, ou mesmo ser retransmitida aos humanos. Graças a Deus! Bendito seja São Francisco de Assis, o protetor dos animais!

Ufa! Com relação à minha existência, ou à minha sobrevivência, respirei aliviado, au, au, au... Não seria dessa vez que iria embora deste mundo. Amo muito minha vida e, embora saiba que irei morrer um dia, não tenho pressa alguma.

Passei a prestar mais atenção aos humanos ao meu redor. Notei que eles, os meus humanos, começavam a mudar seus

¹⁸ Primeiro Papa não europeu nos últimos 1200 anos, o primeiro do Hemisfério Sul e o primeiro jesuíta da história, o argentino Jorge Mario Bergoglio (1936–2025) encantou o mundo com sua humildade, simplicidade e um diferente modo de ver o mundo.

¹⁹ In Folha de São Paulo, 11/12/2014, com o título “Papa diz que cachorros vão para o céu e cria polêmica com teólogos” (m.folha.uol.com.br/mundo/2014/12/1561466-papa-diz-que-cachorros-vaio-para-o-ceu-e-cria-polemica-com-teologos.shtml).

²⁰ São Francisco de Assis, ou Giovanni di Pietro di Bernardone (1181–1226) é considerado o santo dos animais. Ele pregava a simplicidade e o amor aos pobres. Filho de família rica, deu tudo aos mais necessitados e dedicou sua vida à proteção dos animais, com os quais também conversava.

²¹ In Enciclopets, www.enciclopets.com.br/papa-francisco-animais-ceu/.





comportamentos e a rotina, que eu bem conhecia. E os próprios humanos reconhecem que os cães possuem boa memória, como disse Berganza, um dos cães que joga conversa fora diante de um hospital na cidade espanhola de Valladolid, descrito por Miguel de Cervantes:

“O cachorro está em primeiro lugar em parecer que tem entendimento”.

Primeiro, suspenderam as aulas dos meus “donos-irmãos”. Ouvi falar que a suspensão era para evitar aglomerações e a transmissão coletiva do coronavírus, de fácil propagação entre os seres humanos. A menina não gostou, porque isso atrapalharia seus estudos. Já o menino... amou! Teria tempo para seus jogos eletrônicos, poderia dormir e acordar quando quisesse, tocar violão. Para ele, era como se fossem férias antecipadas ou férias extras.

Os filhos em casa, sem aulas, já representavam uma grande mudança na rotina do meu lar. A casa passou a ficar agitada, diferente da tranquilidade que eu costumava desfrutar nas manhãs e tardes do meu cotidiano. Até mesmo meus passeios diários foram suspensos, e comecei a sentir falta da rotina de fazer xixi em todos os postes e árvores da rua. Ainda assim, pensava que seria algo rápido, esporádico, tendo em vista que os mais velhos mantinham sua rotina, embora eu notasse feições preocupadas e sérias em todos da casa.

Engano meu! Em poucos dias passei a testemunhar todos no lar. E o que mais ouvia era uma frase: “Fiquem em casa!”. Ficamos todos em casa. Confinados!

O vírus coroado havia chegado, de malas e cuias, ao Brasil. Em todas as regiões, já eram registrados casos e mortes pela COVID-19, doença provocada pelo coronavírus, que podia causar complicações graves, como dificuldade para respirar, febre, tosse e, por fim, a morte, especialmente entre os integrantes do grupo de risco, que incluía idosos e enfermos.

Vi o medo chegando na minha casa... Todos falavam dessa doença, que tinha se transformado em pandemia, ou seja, uma epidemia que se alastra rapidamente em escala mundial. Não havia mais aula e ninguém saía mais de casa, a não ser para comprar comida. Nessas saídas, os humanos passaram a utilizar algo como uma “focinheira”, que eles chamavam de “máscaras”.



Estátua de Clarice Lispector, com seu cachorro Ulisses (Leme, Rio de Janeiro).

Também não tinha muito o que fazer; a ordem era ficar recluso e pronto, como aquilo que Cipião, um dos cachorros que dialogam no livro de Cervantes, falava:

“...pois o que o céu ordena acontecer, não há diligência nem sabedoria humana que possa evitar”.

Não digo que não gostei no início. Todos passaram a me dar mais carinho, a brincar comigo. Fiquei sendo o centro das atenções. Por outro lado, perdi um pouco da minha tranquilidade, já que curtia minha solidão de forma confortável e sem ninguém para me perturbar.

Ouvi um cara importante, chamado presidente, falando em “gripezinha” e me animei. Se fosse gripezinha, passaria num instante! Depois soube que esse presidente tem um cérebro menor que o de um bicho-preguiça, do tamanho de uma azeitona. Mesmo assim, esse cara, que não batia muito bem do juízo, deu

uma grande ajuda ao coronavírus, pois alguns chegaram a acreditar no que ele zurrava. Meio doido, ele chegou a demitir até mesmo os comandantes da saúde do país, deixando tudo confuso e mais complicado. Mas fazer o quê? Fiquei pensando no cantinho do quarto e, se fosse eu o chefe da nação, acho que o país estaria melhor.

O que seria um isolamento de alguns dias, uma ou duas semanas, foi se dilatando... O tempo foi passando. Chegou de mansinho, bateu na porta e foi ficando. Eu já estava acostumado com a lassidão, nem lembrava mais dos meus passeios diários pelo bairro, mas minha família não. Todos ficaram como numa música de Aldir Blanc²², que morreu vítima do coronavírus no Rio de Janeiro, que o “patrão” ouvia na voz uma cantora chamada Nana Caymmi²³:

“Batidas na porta da frente
É o tempo
Eu bebo um pouquinho
Pra ter argumento

²² Aldir Blanc Mendes (1946–2020) foi médico, letrista, compositor e cronista. Um dos gênios da composição brasileira. Faleceu em 4 de maio de 2020, vítima do coronavírus, na sua cidade natal, o Rio de Janeiro.

²³ Dinahir Tostes Caymmi (1941), conhecida como Nana Caymmi, é cantora e compositora, filha de um dos gênios da música brasileira, Dorival Caymmi. Lançou mais de vinte discos e é considerada a “Nina Simone brasileira”, como lhe adjetivou o crítico Tárk de Souza.





Mas fico sem jeito
Calado, ele ri
Ele zomba
Do quanto eu chorei
Porque sabe passar
E eu não sei..."

O tempo enganou a todos, menos a mim, que era amigo dele. Aliás, sempre fui. Mas não gostava das notícias que chegavam. Eram tristes, muito tristes. Mortes seguidas de mortes. Uma, dez, mil, e logo chegamos a vinte, trinta, oitenta, cem, cento e cinquenta, cento e setenta, quatrocentos, quinhentos mil brasileiros... e não parava. Eram humanos, mas eu tinha sentimentos. Muitos cachorros, como eu, perderam seus donos e ficaram sós. Famílias sofriam. Sorrisos foram substituídos por lágrimas. Fiquei abalado, deprimido.

Para não cair em depressão, relembrei momentos alegres de minha existência cachorril. O primeiro foi minha agonia ao escutar alguém da família arrumar malas. O barulho do arrastar das malas equivale, para mim, a uma grave tortura psicológica. Fico incontrolável. Corro pra lá e pra cá, latindo, perguntando: "Vão pra onde?" Ninguém respondia. Ficava angustiado. Eles viajavam e me deixavam. Eu acho isso uma sacanagem, na verdade, especialmente pela minha extrema fidelidade. Tenho que ser sincero!

Lembrei com alegria de algumas vezes em que eu gostava das férias dos humanos, porque ia a um hotel para cachorros e lá era o meu carnaval: amizades, farras, paquera a torto e a direito. Cadelas de várias raças. Momentos intensos de amor, amizade e brincadeiras com amigos. Algo equivalente ao que os humanos chamam de "sexo, drogas e rock n'roll". Curtindo a vida adoidado! Afinal, também sou filho de Deus!

Na volta para casa também era um turbilhão de emoções. Pulava e brincava ao reencontrar minha família. Determinado dia, quase enfartei quando a menina da casa retornou de um lugar distante, conhecido como "Canadá". Eu dava pulos que nunca pensei que conseguisse, dignos de ginástica olímpica, uma espécie de saltos ornamentais. Meu coração pulsava rapidamente. Tive medo de morrer. Meu rabo parece que balança até hoje, e nunca é demais lembrar a frase de um poeta e desenhista francês George Auriol (1863–1938): "Rabo: o sorriso do cão".

Essas reminiscências me fizeram esquecer a história da COVID-19, a triste narrativa de uma doença anunciada,

martelada incessantemente na televisão e nas conversas entre os humanos. Sofri muito com as lamentáveis notícias e as mortes que se seguiram. Obviamente, como diria o poeta Drummond, que já mencionei, “a superioridade do animal sobre o homem está, entre outras coisas, na discrição com que sofre”. Realmente, nós, os cães, sofremos discretamente. É uma “dor assim pungente”, que fica em nós mesmos, sem alarde algum.

Sentia também o sofrimento dos “meus” humanos. As angústias deles transpareciam nas conversas, numa ausência de previsibilidade, na falta de liderança, no descontrole governamental, na força destruidora da doença, que levava vidas humanas às centenas e milhares, como se fossem uma colheita. Agravando ainda mais o quadro, a gritante desigualdade social brasileira transformava os desfavorecidos em desprotegidos, que sofriam com a falta do mínimo. Como mandar alguém que não tem casa ficar em casa? Como pedir higiene, a constante limpeza das mãos, para quem não tem água? Como pedir isolamento social num barraco de poucos metros e muitos moradores? Jessier Quirino²⁴, poeta da minha cidade, declarava que:

“Um morava na Rua do Meio
O outro no meio da rua”.

Sem falar que soube que meus irmãos cães, aqueles que não tiveram a mesma sorte que eu e vivem nas ruas, também estão passando dificuldades. Como havia bem menos pessoas nas ruas, eles não recebiam restos de comida de restaurantes, lanchonetes ou nas praças e avenidas. Humanos não saem mais de casa para distribuir comida para cachorros e gatos que vivem nas alamedas citadinas. Eu olhava da janela o vazio das ruas e pensava: como é profundamente triste os efeitos dessa pandemia!

Uma coisa dessa pandemia eu gostava, não posso esconder! Passei a ser o centro da casa. Na prática, eu era o chefe, o “*the boss*”, como ouvi dizer num filme. Tanto era o líder que os humanos acompanhavam meu dia por meio de uma rede no WhatsApp, em que imagens e vídeos meus eram compartilhados para serem assistidos nos celulares – aparelhos feitos para falar com outras pessoas, mas poucas vezes usados para esse fim. Fiquei sabendo que existia até um grupo, com um montão de gente, só para acompanhar minha vida, uma espécie de fofoca sobre minha existência, um reality show canino, o *Big Dog Brasil*. Também passei a ser mais abraçado, já que entre os humanos, os beijos e abraços estavam proibidos, vetados.

²⁴ Nascido em Campina Grande (1954), Jessier Quirino é poeta, compositor, intérprete, apresentador e escritor.





O menino da casa chegou a ouvir uma frase que dizia:

“Este cão tem um problema,
disse por fim o meu pai,
está convencido de que não é cão.”²⁵

Tenho orgulho da minha fidelidade. Estou sempre alerta dentro de casa. Qualquer visita, eu lato bem alto. “Identifique-se”, “Quem é você?”, “O que quer?” Minha casa e minha família são tudo para mim. Aliás, a lealdade é uma característica bem canina, mantendo-se até após a morte, como relatada por Lygia Fagundes Telles²⁶, uma escritora famosa e muito simpática:

“Foi na França, durante a Segunda Grande Guerra. Um jovem tinha um cachorro que todos os dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um pouco antes das seis da tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e, na maior alegria, acompanhava-o com seu passinho saltitante de volta a casa.

A vila inteira já conhecia o cachorro e as pessoas que passavam faziam-lhe festinhas, e ele correspondia, chegava a correr todo animado atrás dos mais íntimos para logo voltar, atento ao seu posto e ali ficar sentado até o momento em que seu dono apontava lá longe.

Mas eu avisei que o tempo era de guerra, o jovem foi convocado. Pensa que o cachorro deixou de esperá-lo? Continuou a ir diariamente até a esquina, fixo o olhar ansioso naquele único ponto, a orelha em pé, atenta ao menor ruído que pudesse indicar a presença do dono bem-amado. Assim que anoitecia, ele voltava para casa e levava sua vida normal de cachorro até chegar o dia seguinte. Então, disciplinadamente, como se tivesse um relógio preso à pata, voltava ao seu posto de espera.

O jovem morreu num bombardeio, mas no pequeno coração do cachorro não morreu a esperança. Quiseram prendê-lo, distraí-lo. Tudo em vão. Quando ia chegando aquela hora, ele disparava para o compromisso assumido, todos os dias. Todos os dias.

Com o passar dos anos (a memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que não voltou. Casou-se a noiva com um primo. Os familiares voltaram-se para outros familiares. Os amigos, para outros

²⁵ In ALEGRE, Manuel. *Cão como Nós*.

²⁶ In *A Disciplina do Amor*, Ed. Companhia das Letras, 2010. Lygia, uma das mais renomadas literatas do Brasil, viria a falecer em 3 de abril de 2022, aos 103 anos da idade.



Estátua de Hidesaburo Ueno e seu cão Hachiko, na Universidade de Tóquio, Japão.

amigos. Só o cachorro, já velhíssimo (era jovem quando o jovem partiu), continuou a esperá-lo na sua esquina, com o focinho sempre voltado para aquela direção.”

Viu o que é ser fiel ao seu dono? Outros exemplos existem em todo o mundo. Por exemplo, o cãozinho Hachiko, da raça akita, acompanhava o professor Hidesaburo Ueno da estação de metrô de Shibuya, em Tóquio, até sua residência. Fez esse percurso todos os dias, durante muitos anos. Um dia, Ueno não voltou, mas Hachi, como também é conhecido, continuou indo à estação diariamente, procurando seu dono entre os passageiros que desembarcavam. Hachiko virou estátua, símbolo de Shibuya, e sua história foi contada num filme de Hollywood²⁷, com Richard Gere no elenco.

Outro colega famoso, o Greyfriars Bobby, da raça skye terrier, viveu na cidade de Edimburgo. Bobby pertencia ao policial John Gray, que trabalhava no período noturno. Durante anos, Gray e o cão eram vistos nas noites escocesas. Acontece que o policial morreu de tuberculose e foi enterrado em Greyfriars Kirkyard²⁸, o cemitério que rodeia a antiga igreja de Greyfriars. Após a morte, Bobby passou catorze anos ao lado do túmulo do seu dono, com pequenos intervalos para sair e comer as sobras do restaurante situado ao lado do campo-santo. Mesmo no rigoroso inverno

²⁷ Filme *Sempre ao seu Lado*, de 2009, estrelado por Richard Gere, Joan Allen e Sarah Roemer (título original *Hachi: a Dog's Tale*). Dirigido por Lasse Hallström, com roteiro de Stephen P. Lindsey.

²⁸ O cemitério de Greyfriars serviu de inspiração para a escritora J. K. Rowling escrever *Harry Potter*. Perto dele encontra-se o café “The Elephant House”, onde a escritora começou a escrever o livro e acredita-se que o nome do vilão “Voldemort” foi inspirado pela tumba de um general que morreu em 1806 e se encontra sepultado no local.



Estátua de Bobby, em Edimburgo.

britânico, o cachorro não saiu do lado do seu dono. Foi leal até a sua morte, em 1872, e, não podendo ser enterrado dentro do cemitério, por questões religiosas, foi sepultado próximo, num pedaço de solo não consagrado, a uns setenta metros do túmulo de seu dono. Hoje, existe uma estátua de Bobby nas proximidades do cemitério, uma das atrações mais fotografadas da cidade de Conan Doyle, Walter Scott e J. K. Rowling. A fidelidade do cãozinho foi tema de dois filmes: *Greyfriars Bobby: The True Story of a Dog (Meu Leal Companheiro)*, de 1962, e *The Adventures of Greyfriars Bobby* (2005), com Christopher Lee.

Sempre gravei histórias sobre cães, contadas pelo pessoal da casa ou que ouvia na televisão. Lembro que falaram que o imperador Napoleão Bonaparte deixou escrito em suas memórias que percorreu um campo de batalha na Itália, onde os mortos ainda não haviam sido retirados. Viu um cachorro ao lado do cadáver de seu dono: o cão geme, chora e lambe-lhe o rosto. “Nunca nada, em nenhum dos meus campos de batalha, me impressionou tanto”, afirmou o francês. Aliás, a morte de um milhão de homens não era nada para ele, mas Bonaparte disse:

“Eu havia, sem emoção, ordenado batalhas, que deveriam decidir o futuro do exército; havia visto, com o olho seco, serem executados movimentos que levariam à perda de

muitos entre nós; e aqui eu ficava emocionado, ficava perturbado pelos gritos e pela dor de um cão!...”²⁹

Eu sou um desses, leal até a morte e, se necessário for, depois da morte. Vou querer minha estátua também. Se Tóquio e Edimburgo possuem monumentos em homenagem aos cachorros fiéis, por que não posso ter minha estátua em Campina Grande, na Paraíba, minha terra? Já pensou, eu eternizado em bronze?

Tinha até esquecido da pandemia. Ela continuou... A notícia era só mortes e muitos doentes. Certo que, com o tempo, os médicos – de forma heroica – conseguiram salvar muitos humanos. À medida que o tempo passava, houve o que chamaram de “flexibilização”, que foi a permissão para que a vida continuasse, num conceito chamado de “novo normal”: as pessoas precisavam sair de casa com máscara, para diminuir o risco de contágio, lavar as mãos, usar álcool 70% (para matar o vírus) e outras cautelas recomendadas pelos cientistas. Aos poucos, meus passeios diários retornaram, pude reencontrar amigos cães, matar a saudade cheirando meus iguais.

E aí, mesmo com as cautelas, os meus donos foram infectados com o coronavírus. No início, notei grandes feições de preocupações, bem como constatei desânimo e tristeza. Escutei falarem em dor de cabeça, febre, indisposição, dor no corpo e ouvi tosses, insistentes tosses. Minha tensão duplicou e tive que ficar mais atento ainda, pois poderiam precisar de mim. Ouvi falar em exames, swab, tomografia, sangue, remédios, tratamentos... escutei ligações de médicos, preocupações de amigos.

Que tensão enfrentei! Fiquei tão angustiado que passei a ser cardíaco! Sim, cardíaco. Fui levado a uma consulta com o médico-veterinário e tive que tomar remédio controlado para o coração, pois meus batimentos não estavam corretos e eu poderia enfartar. Imagine uma coisa dessas! O médico era até legal, mas me colocou numa máquina e tirou um pouco do meu sangue, o que me deixou irritado. Ao final, detectou que sou emotivo e sensível, chamando-me de “cardíaco”.

“Ah, este mundo a que alguns chamam cão.
Os cães, decerto, lhe chamariam homem.”

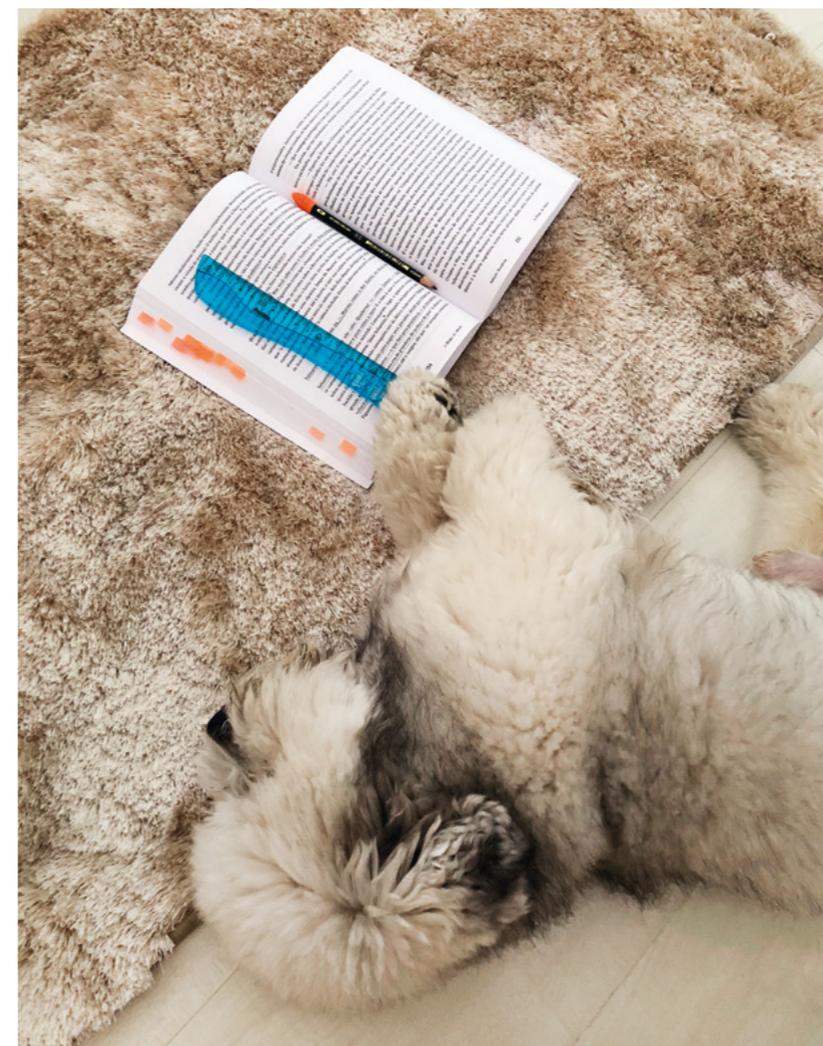
(José Saramago)



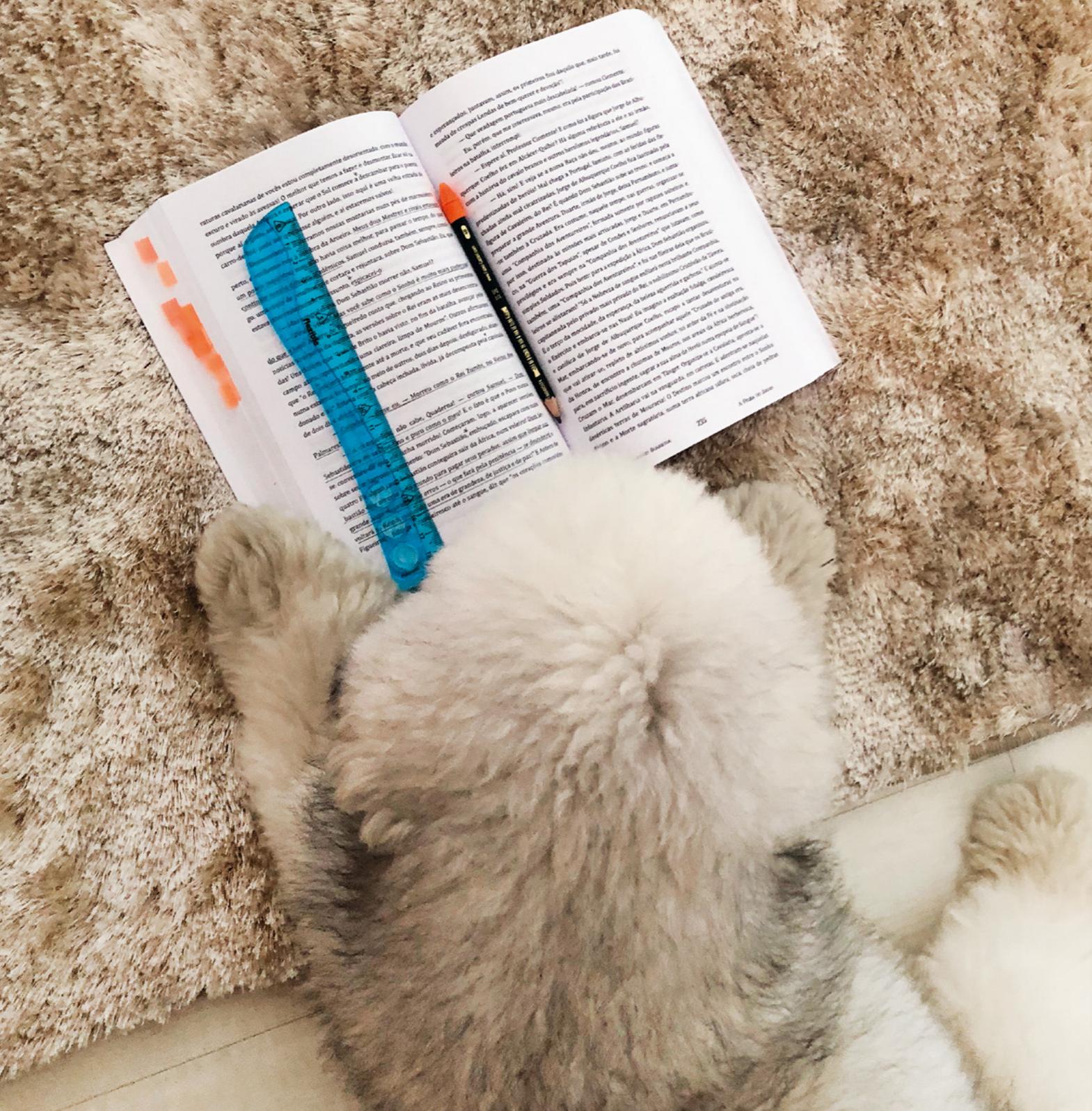
²⁹ In *Memórias de Santa Helena*, ed. Meridiano, 1941.

E a vida continuou... sempre continua, até que venha a “morte ou coisa parecida”³⁰, mas isso fica para depois. O importante é que meus donos conseguiram vencer a COVID-19, eu continuo o cachorro mais fiel do planeta (acho que sou convencido!) e a marcha do mundo só anda para frente. Como falei: não sei bem!

Nunca estudei.
O que sei, aprendi de ouvir.
Ou de viver.



³⁰ Verso da canção *Na hora do almoço*, do cantor e compositor cearense Belchior, de 1971. A canção venceu o IV Festival Universitário da MPF, cantada por Jorginho Telles e Jorge Neri.



Só resta latir/recitar os famosos versos:

“...Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.”³¹

Au au au.... vamos viver, viva minha família!

“Porque era assim que ele se sentia, membro da família,
cão como nós.” (Manuel Alegre).



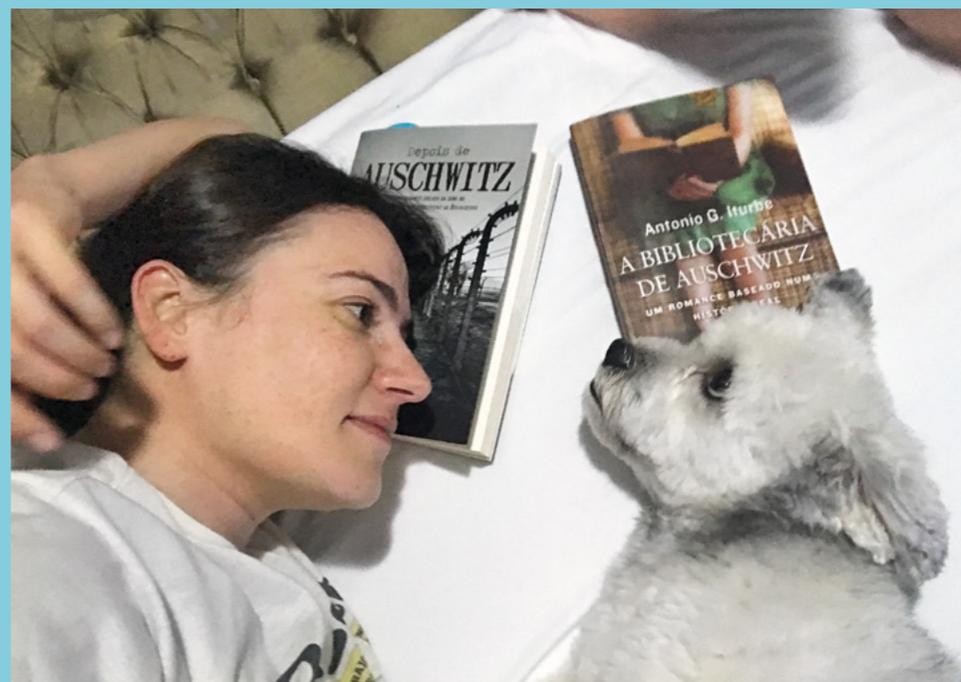
BINGO

³¹ Versos de *Os Ombros Suportam o Mundo*, poema do poeta Carlos Drummond de Andrade, publicado originalmente no livro *Sentimento do Mundo*, de 1940.



Minha família!





★ **ALGUNS CÃES**
FAMOSOS E CÃOSAGRADOS
NA LITERATURA ★
MUNDIAL





Odisseia, de Homero

(escrito provavelmente no século VII a.C.).

Argos é o cão de Ulisses, conhecido por sua velocidade, força e habilidades superiores de rastreamento.



O Mágico de Oz, do norte-americano L. Frank Baum

(publicado em 1901).

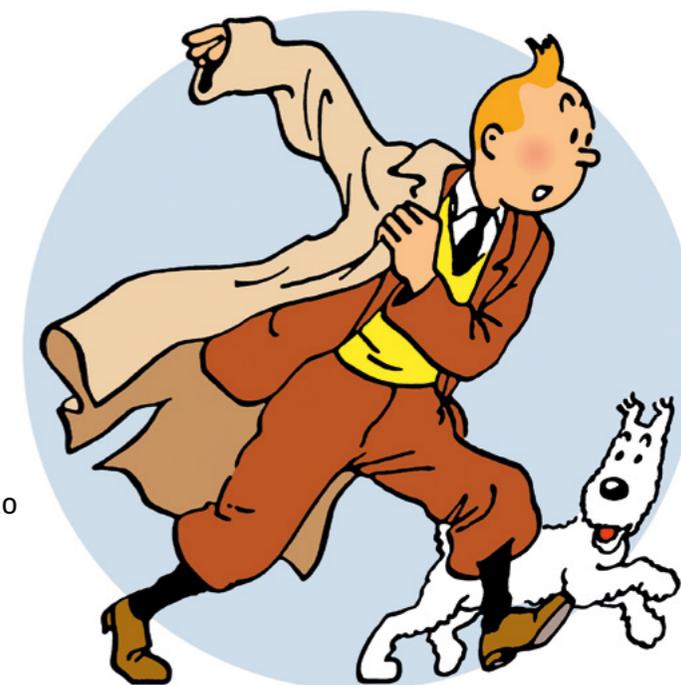
Totó é o cãozinho de Dorothy, que a acompanha na Terra de Oz durante suas primeiras aventuras. O livro foi adaptado ao cinema em 1939, com Totó interpretado por um cairn terrier chamado Terry. Nos outros livros da série, Totó tem a capacidade de falar e fala até demais.



Tintin,

do belga Hergé (série criada em 1929).

Milu é tão famoso quanto o próprio Tintin. O cachorro tem uma relação difícil com os humanos (exceto as crianças), o que leva os inimigos de Tintin a tentarem eliminá-lo. Milu apareceu em séries e filmes. O fox-terrier branco era confiante e melhor amigo de Tintin.





O Chamado da Selva, do norte-americano Jack London
(lançado em 1903).



Buck é o principal personagem do livro. O cão californiano passa por grandes aventuras no Alasca e é um dos mais famosos cães de trenó da literatura mundial.



David Copperfield,

do inglês Charles Dickens (lançado em 1850).

No livro, aparece um pequeno cachorro chamado **Jip**, que pertence a Dora Spenlow, a primeira esposa de David. O cão é o espelho da sua dona: nervoso e egocêntrico.



Harry Potter,

da britânica J. K. Rowling (publicado em 1997).

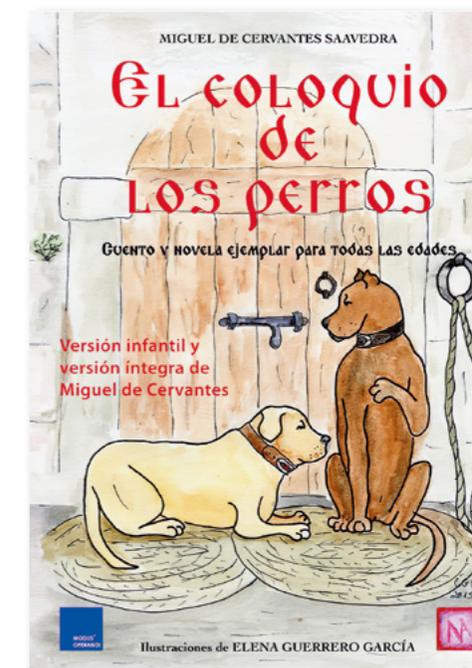
Fang é um mastim napolitano. Foi traduzido como “canino” na edição brasileira. Em *A Pedra Filosofal*, ele acompanha Harry, Hagrid, Draco e Hermione à Floresta Proibida para procurar um unicórnio ferido. Fang aparece em vários filmes baseados nos livros de Rowling.



Colóquio dos Cachorros,

do espanhol Miguel de Cervantes (1613).

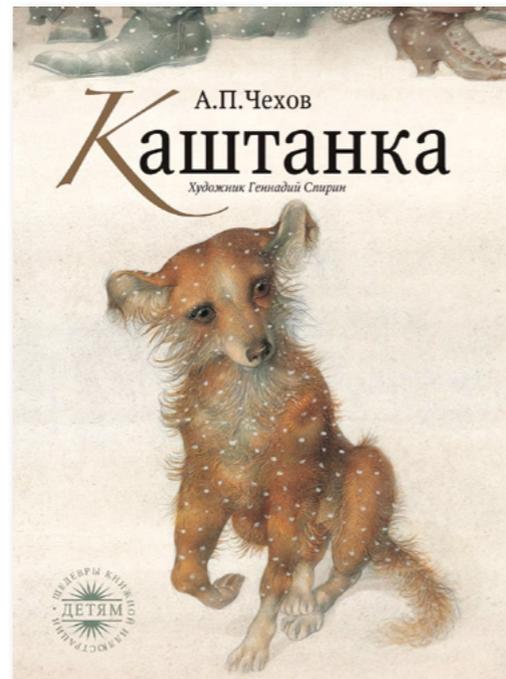
Cipião e Berganza habitam e protegem o Hospital da Ressurreição de Valladolid. Eles adquirem o dom da fala, da crítica e da ironia.



★ ★ ★ ★ ★ **Cachtanka,**

do russo Anton Tchekhov (1887).

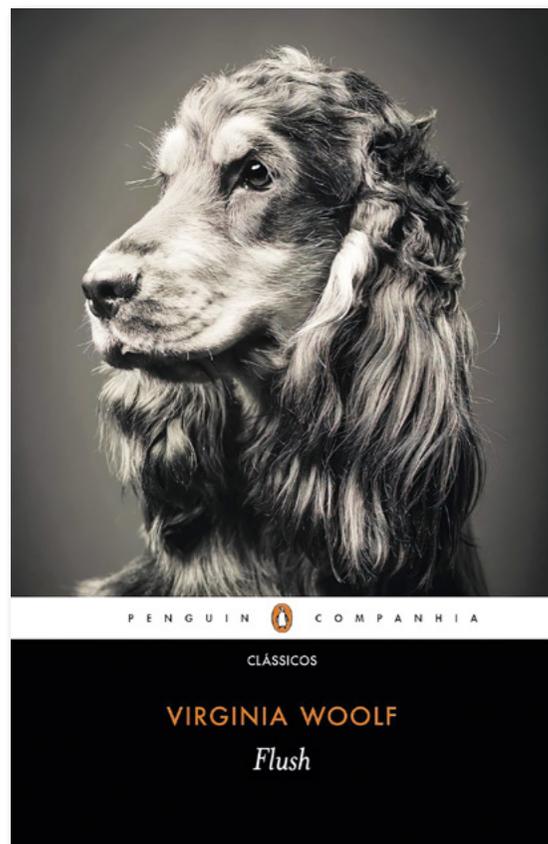
Cachtanka, também traduzida como Kachtanka, é a cadelinha que significa “castanho” em russo. Ela se perde no meio da cidade, distante de casa e de seu dono.



★ ★ ★ ★ ★ **Flush,**

da inglesa Virginia Woolf (1933).

Flush é a cocker spaniel da poeta Elizabeth Barrett Browning. Adotando o ponto de vista do cão, a escritora aborda com humor as questões de classe e gênero na época vitoriana.



★ ★ ★ ★ ★ **Senhor dos Anéis,**

de J. R. R. Tolkien (1954).

Huan foi um grande cão da primeira era. Era tão grande quanto um pequeno cavalo e acompanhava Celegorm em suas caçadas.



★ ★ ★ ★ ★ **Peanuts,**

de Charles M. Schulz (1950).

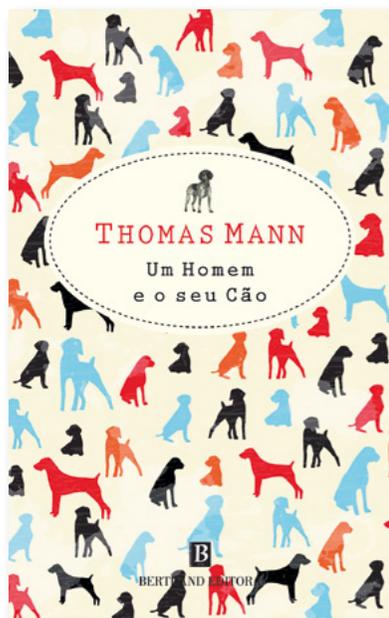
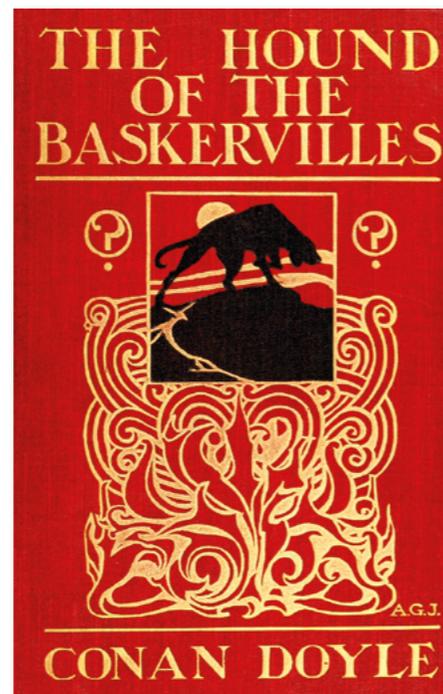
O norte-americano criou um dos mais icônicos personagens caninos da história mundial: **Snoopy**, um beagle de Charlie Brown. Saiu dos quadrinhos para séries, desenhos e filmes.



★★★★★ **O Cão dos Baskerville,**

de Arthur Conan Doyle (1902).

A família Baskerville recebe a visita de um cão enorme e sinistro, iniciando uma maldição e um mistério. O detetive Sherlock Holmes é contratado para investigar. É um dos maiores clássicos da literatura policial mundial, adaptado para o cinema.



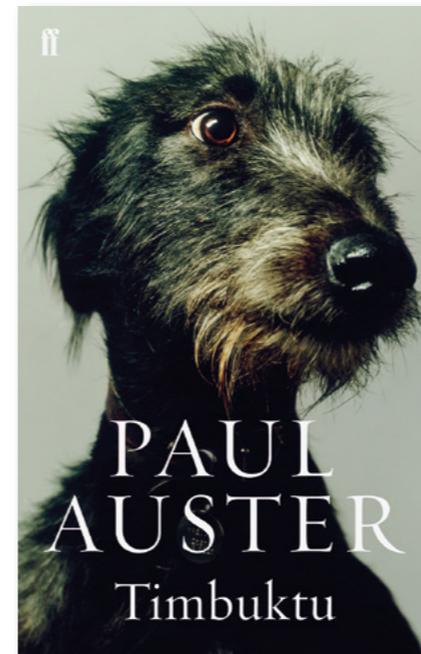
★★★★★ **Um Homem e o seu Cão,**

do alemão Thomas Mann (1918).

O livro conta a comovente história da relação de Thomas Mann e o seu perdigueiro alemão, chamado **Bauschan**, mostrando a compreensão mútua entre eles.

★★★★★ **Timbuktu,** do norte-americano Paul Auster (1988)

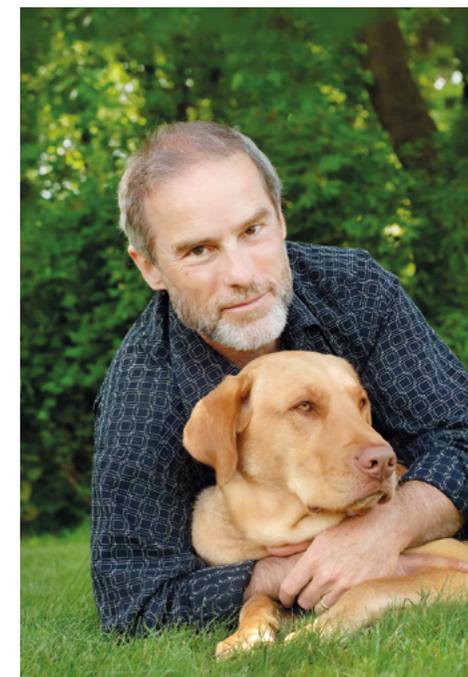
O livro narra a amizade entre um vira-lata, **Mr. Bones**, e um poeta indigente, Willy, que perambulam pelo mundo. O cão sofre pelo dono, mas não deixa de amá-lo.



★★★★★ **Marley & Eu,** do

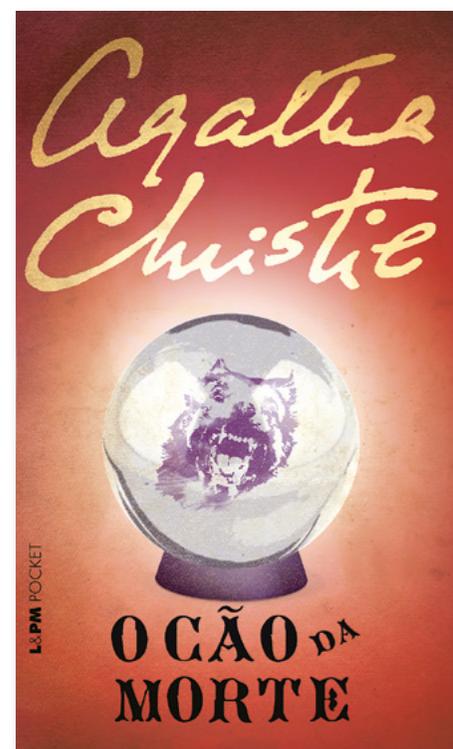
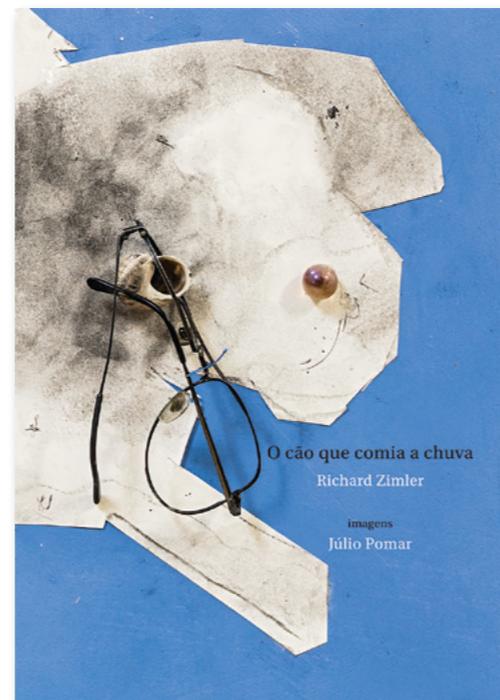
norte-americano John Grogan (2005).

O livro, baseado em uma história real, conta a vida e o amor de seu dono por um labrador chamado **Marley**, “o pior cão do mundo”. Tornou-se um best-seller, com milhões de exemplares vendidos, e foi adaptado para o cinema em 2008.



★★★★★ **O Cão que Comia Chuva**, do norte-americano naturalizado português Richard Zimler (2016).

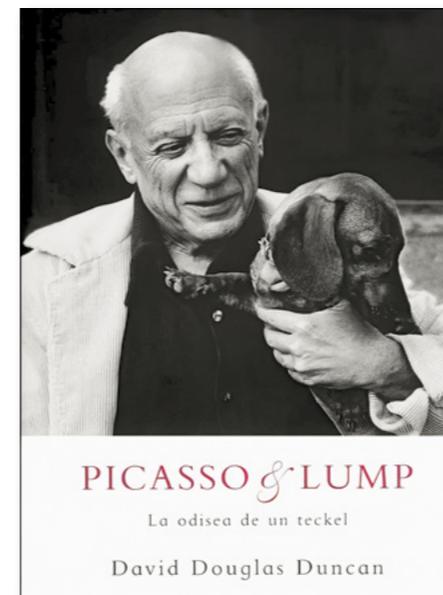
Zé é um menino que mora em Lisboa, na companhia de seus pais, um cão chamado **Adão** e uma gata chamada Violeta. Os animais decidem defender o “irmão humano” do *bullying* que ele sofre, numa história comovente e bem-humorada.



★★★★★ **O Cão da Morte**, da inglesa Agatha Christie (1933).

Uma mulher sobrevivente de guerra é atormentada pela visão de um cão, adentrando no universo psicológico do personagem. Em outro livro, *Poirot perde uma Cliente*, Agatha narra a história de **Bob**, um cachorro curioso que é suspeito de causar um acidente com sua dona.

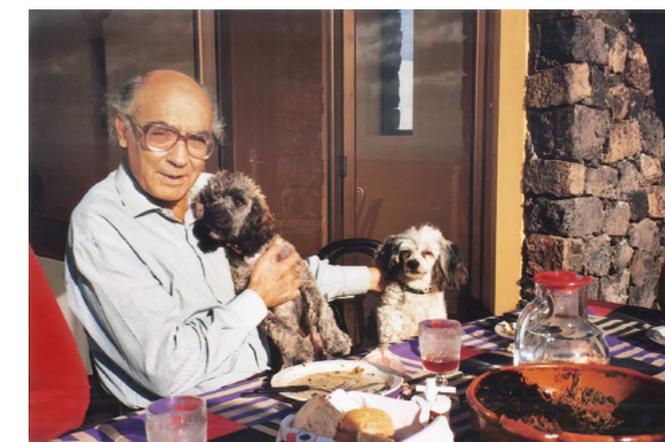
★★★★★ **Picasso & Lump**, do britânico David Douglas Duncan (2006).



Conta a história da relação entre Picasso e seu cão preferido, **Lump**, um dachshund (conhecido como “salsicha”), que teria comido/destruído uma das obras do grande mestre da pintura.

★★★★★ **A Caverna**, do lusitano José Saramago (2000).

Saramago inspirou-se em seu próprio cão, chamado **Camões**, para criar *O achado*, o fiel aliado do oleiro Cipriano Algor, protagonista do romance. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, um cão bebe as lágrimas de uma mulher, e em *Levantado do Chão*, o cachorro Constante é mencionado no desfecho: “Vão todos, os vivos e os mortos. E à sua frente, dando saltos e corridas da sua condição, vai o cão Constante, podia lá faltar, neste dia levantado e principal.”



★★★★★ **O homem que amava os Cachorros,**

do cubano Leonardo Padura (2004).

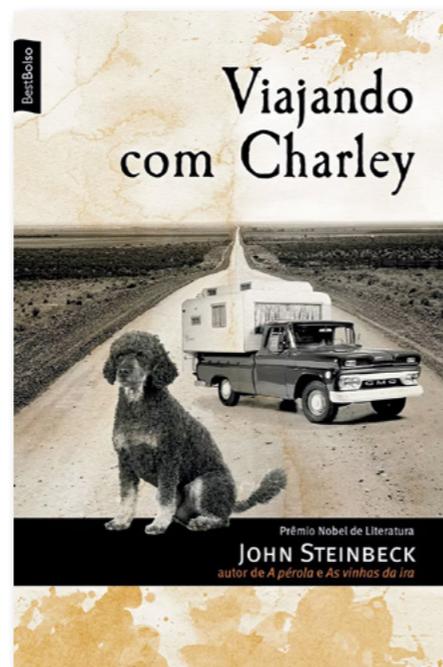


O livro aborda a perspectiva do veterinário Ivan, que atua em Havana, a partir de um encontro enigmático com um homem que passeava com seus cães, retomando os últimos anos da vida do revolucionário russo Leon Trótski.

★★★★★ **Viajando com Charley,**

do norte-americano John Steinbeck (1962).

O autor, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura (1962), relata a história de sua viagem por estradas dos EUA na companhia de seu poodle **Charley**: “É um poodle consideravelmente grande, de uma cor chamada bleu. E fica de fato azul quando está limpo. Charley é um diplomata nato: sempre prefere a negociação à luta.”



★★★★★ **A história de um cão chamado Leal,**

do chileno Luís Sepúlveda (2015).

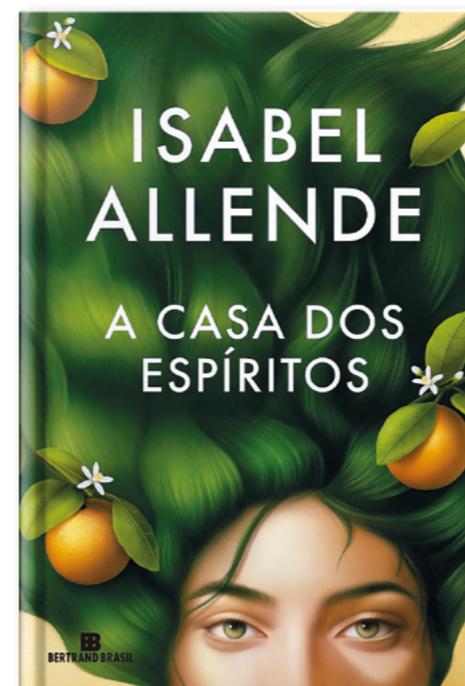
Afmau significa “leal ou fiel” na língua mapuche, e é assim batizado um filhote de pastor-alemão, sobrevivendo ao frio das montanhas do Chile.



★★★★★ **A Casa dos Espíritos,** da

também chilena Isabel Allende (1982).

O mais famoso livro da best-seller Isabel Allende se inicia com **Barrabás**, cãozinho de Clara, clarividente que se comunicava com outro mundo: “Barrabás ficou com o rabo inteiro, que com o tempo chegou a ter o comprimento de um taco de golfe, com movimentos incontrolláveis que varriam as porcelanas das mesas e tombavam candeeiros. Era de raça desconhecida. Não tinha nada em comum com os cães que vagueavam pelas ruas e muito menos com os animais de raça pura que algumas famílias aristocráticas criavam.”



★★★★★ **O barulho do fim do mundo,**

da carioca Denise Emmer:

Lanterna, o cachorrinho que aparece para proteger a protagonista dos abusos cometidos por sua mãe e seu padrasto. Amiudinha, sua filha Céu e o cão vivem aventuras como se vivessem em um mundo à parte. A escritora possui DNA da escrita, sendo filha dos escritores Dias Gomes e Janete Clair.



★★★★★ **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos (1938).

Baleia é a cadela que morre de fome no sertão nordestino. Talvez uma das cenas mais comovedoras da literatura brasileira. O crítico Álvaro Lins chegou a afirmar que Baleia “se acha revestida de uma humanidade talvez maior que a dos seres humanos”.



★★★★★ **Quase de Verdade**, de Clarice Lispector (1978).

Ulisses foi o cachorro da Clarice Lispector. Ele é o narrador do livro infantil *Quase de Verdade*, no qual se apresenta com extremo desembaraço nas páginas da publicação. Afirma que possui olhos dourados e pelagem cor de guaraná, adora cócegas, urina onde não deve e dispõe de poderes mágicos – adivinha tudo pelo cheiro.





Campo Geral, de Guimarães Rosa (1956).



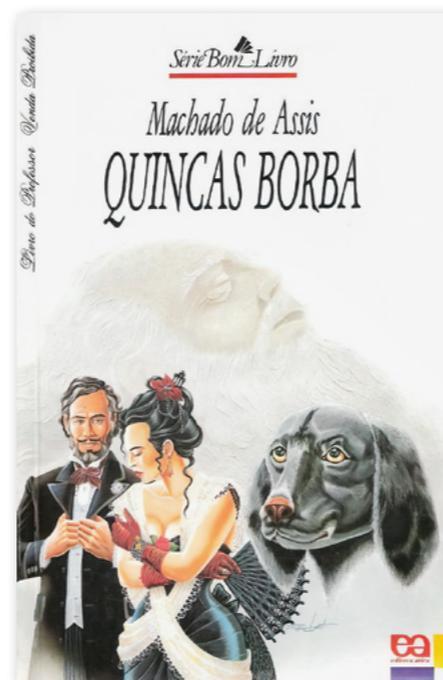
Pingo-de-ouro é a cadelinha preferida do menino Miguilim, que vive no seu mundo infantil, povoado entre entes e palavras. O conto foi adaptado para o cinema.



Quincas Borba,

de Machado de Assis (1891).

Quincas Borba é o cachorro de pelo cor de chumbo e malhado de preto. Era companheiro de todas as horas, dormia com o dono e partilhavam o mesmo nome.



Madrugada,

de Orígenes Lessa (1970).

Cachorro solitário, que caminha de madrugada pelas ruas da cidade, com olhos doces e interrogativos.



Mila, de Carlos Heitor Cony (1995).



Crônica sobre a morte de sua cadela **Mila**, que emocionou muita gente. Termina da seguinte forma: “Levei-a, em meus braços, apoiada em meu peito. Apertei-a com força, sabendo que ela seria maior do que a saudade.”

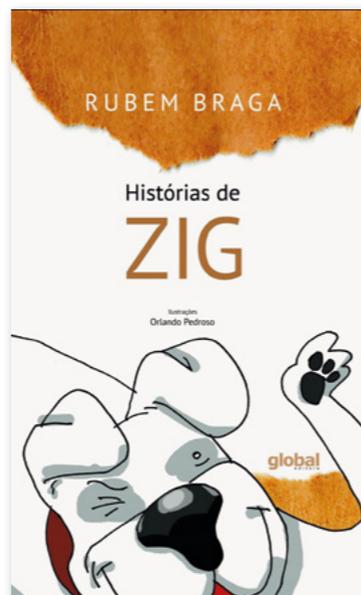


★★★★★ **Firififi,**

de Dalton Trevisan (1979).
A história de uma pequenina
caelinha pequinesa que acompanha
a vida de uma menina e faz mil
estripulias na casa.

★★★★★ **Histórias de Zig,**

de Rubem Braga (1948).
Zig era um cachorro que detestava gente de farda e
gostava de frequentar a missa.



★★★★★ **Iracema,**

de José de Alencar (1865).
Japi é o cão de Martim, personagem
baseado no primeiro colonizador português
do Ceará, que se envolve com a virgem dos
lábios de mel, Iracema.



★★★★★ **Auto da Compadecida,**

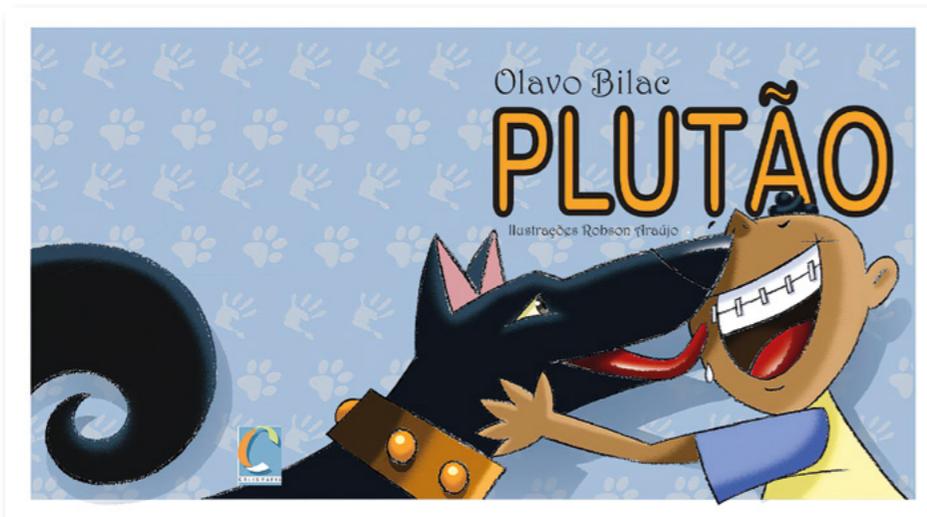
de Ariano Suassuna (1956).
A cachorra da dona da Padaria, que é enterrada em latim, é um
dos cachorros mais famosos da literatura brasileira. A obra de
Ariano foi encenada centenas de vezes no teatro, virou série
de televisão e três filmes, sendo o último um dos grandes
sucessos do cinema nacional.



★★★★★ **Plutão,**

de Olavo Bilac (década de 1910).

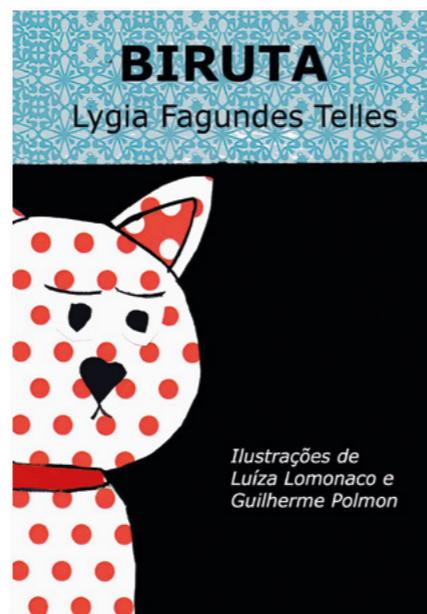
Plutão é o cachorro negro, de olhos em brasa, bom, fiel e brincalhão, homenageado pelo poeta.



★★★★★ **Biruta,**

de Lygia Fagundes Telles (1961).

Cão pequenino e branco, **Biruta** é tema de um lindo conto da imortal da ABL.



★★★★★ **O Cachorrinho Samba,**

de Maria José Dupré (1949).

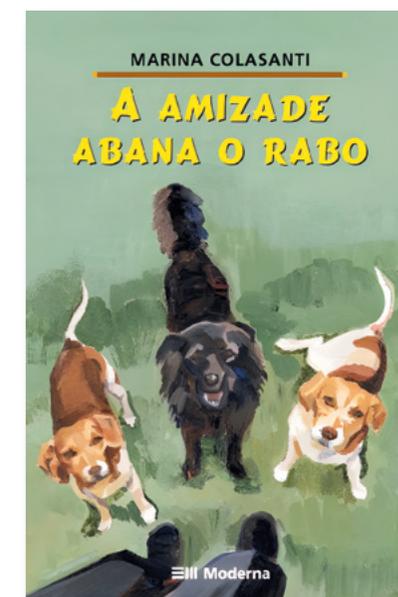
Samba deu origem a vários livros, iniciando-se com o *O Cachorrinho Samba*. Samba é amigo de Whisky, outro cachorro da casa, e participa de inúmeras aventuras que foram sucesso nas décadas de 1940, 1950 e 1960.

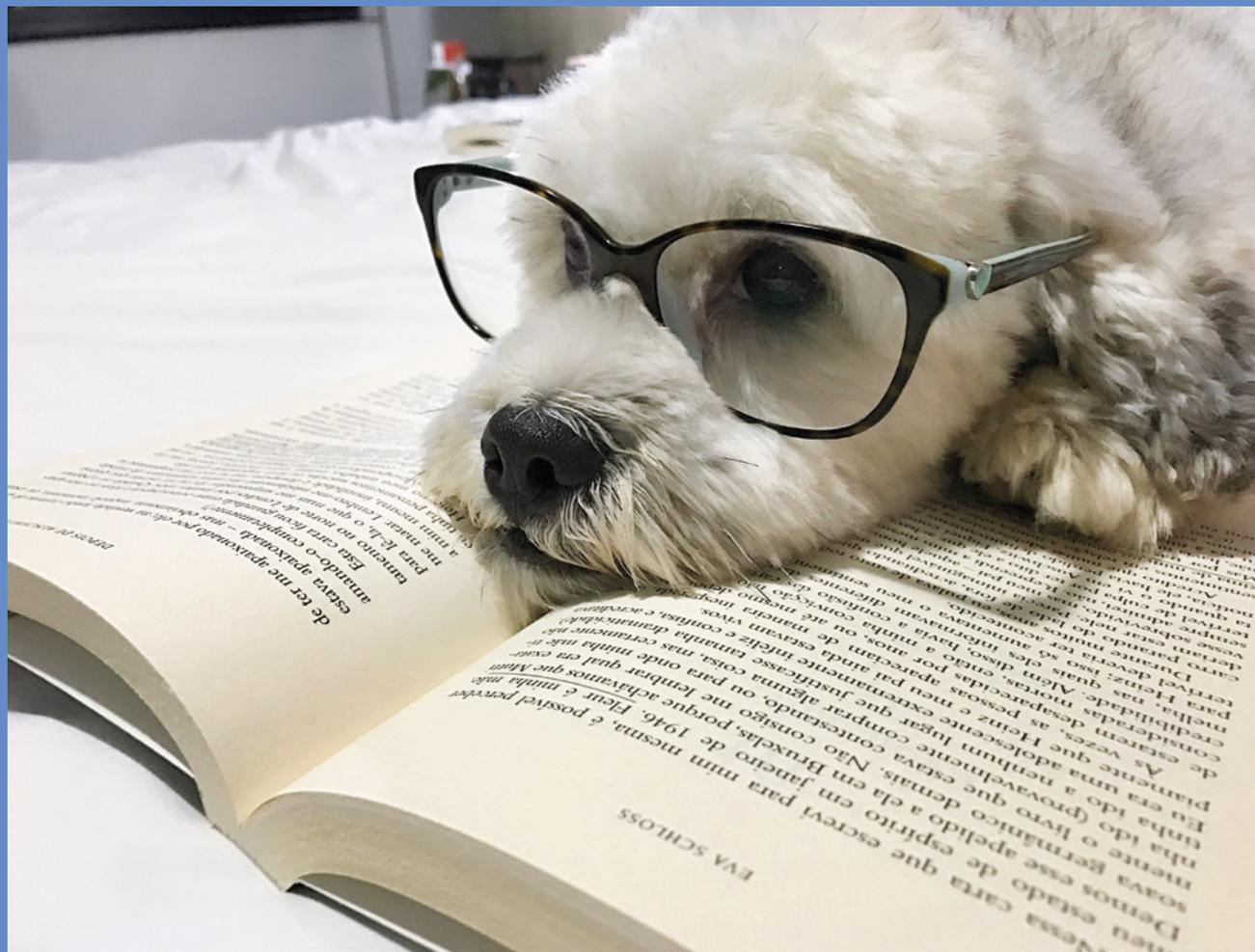


★★★★★ **A Amizade Abana o Rabo,** de

Marina Colasanti (1968).

Tusca é uma cadela malhada que chegou na casa como quem não queria nada. Um dia, Tusca foi embora e Millord surgiu para ficar. Baseado em fato verídico, ocorrido numa casa que a escritora possui na Serra Fluminense.





OS POETAS E AS DESPEDIDAS

“ Felizes os cães,
que pelo faro descobrem
os amigos. ”

*Machado de Assis (1839–1908),
escritor*

Quando seu cachorro faleceu, o poeta chileno **Pablo Neruda** (1904–1973), escreveu um dos seus mais belos versos:

UM CACHORRO MORREU

Meu cachorro morreu.

Eu o enterrei no jardim
ao lado de uma velha máquina enferrujada.

Algum dia eu me juntarei a ele ali mesmo,
mas agora ele se foi com sua pelagem desgrenhada,
suas maneiras ruins e seu nariz frio,
e eu, o materialista, que nunca acreditou
no paraíso prometido no céu
para qualquer ser humano,
Eu acredito em um paraíso que nunca entrarei.

Sim, eu acredito em um paraíso para todos os dogmas
onde meu cachorro espera por minha chegada
acenando sua cauda em forma de leque na amizade.
Ai, eu não vou falar de tristeza aqui na Terra,
de ter perdido um companheiro
que nunca foi servil.

Lord Byron (1788–1824) chegou a declarar que, “quanto mais conheço os homens, mais quero o meu cachorro”. Quando Boatswain, seu cão predileto, veio a óbito, o poeta dedicou-lhe os seguintes versos:

Aqui repousam
os restos de uma criatura
que foi bela sem vaidade
forte sem insolência
valente sem ferocidade
e teve todas as virtudes do homem
e nenhum dos seus defeitos.



Outro luminar da literatura mundial, o tcheco **Milan Kundera** (1929–2023), lembra sempre que “os cães são o nosso elo com o Paraíso. Eles não conhecem a maldade, a inveja ou o descontentamento. Sentar-se com um cão ao pé de uma colina numa linda tarde, é voltar ao Éden onde ficar sem fazer nada não era tédio, era paz.” Mark Twain desejou ir para o céu canino: “O cão é um cavalheiro, eu espero ir para o céu deles, não para o dos homens.”

A irreverente atriz Marilyn Monroe lembrava sempre que “os cães nunca me mordem. Só os humanos”.

O mestre da literatura brasileira, **Joaquim Maria Machado de Assis** (1839–1908), tinha especial afeto por uma cadelinha, batizada por sua esposa Carolina de Graziela. Em 1879, a cadela desapareceu, e o autor de *Dom Casmurro* mandou publicar um anúncio nos jornais do Rio de Janeiro, oferecendo recompensa de cem mil réis a quem localizasse o animal. Não se sabe se, em virtude do anúncio ou não, Graziela reapareceu. Morreria idosa, com direito a enterro no jardim do famoso sobrado da Rua Cosme Velho. Impactado com o falecimento de Graziela, Machado de Assis publicaria o soneto *Um óbito em homenagem à sua cachorra*:

Êste silêncio inda me fala dela,
Como que escuto ainda os seus latidos,
Vagos, remotos, sons amortecidos,
Da vida que nos fez a vida bela.

Boa, coitada, boa Graziela,
Companheira fiel dos anos idos,
Querida nossa e nós os seus queridos,
Conosco dividiu a alma singela.



CACHORRINHA FELPUDA

Desappareceu na tarde de 21 do mez proximo passado, da rua do Catete, esquina do largo do Machado, uma cachorrinha branca, felpuda, tendo as pontas das orelhas pardacentas, olhos pretos e muito vivos, que se de ao nome de—Graziella. Toga-se a quem a tiver achado, o favor de entrega-la no largo do Machado n. 15, que receberá 100\$000 de gratificação. (C)

Anúncio publicado por Machado de Assis nos jornais do Rio.

Tivemos de outras afeições que a asa
Do tempo, ingratidão, fastio, intriga,
Qualquer cousa desfaz, corrompe, arrasa.

Tudo se liga e tudo se desliga,
Mas por que não ficou em nossa casa,
Esta que foi nossa constante amiga?

A jornalista e escritora **Pilar del Rio** (1950), viúva de **José Saramago** (1922–2010), escreveu em 2 de agosto de 2012, no site da Fundação Saramago¹, comovido depoimento sobre o óbito do cão que inspirou o consagrado escritor português:



Saramago e um de seus cães.
Foto Fundação Saramago

Entra, chegaste à tua casa: assim entrou Camões na vida de José Saramago. No momento em que Manuel Maria Carrilho, ministro da Cultura de Portugal, anunciava a José Saramago que lhe tinha sido concedido o maior galardão literário da língua portuguesa, um cão assustou tanto uma vizinha que ela gritou a pedir ajuda. Os que estávamos em casa saímos para a rua e vimos que o animal feroz era um cachorro assustado com o susto da mulher. O animal entrou pela porta aberta do jardim, mexendo sem jeito as pernas, um pouco desajeitado, feliz por ninguém o maltratar. Quando Saramago apareceu a anunciar que tinha recebido o Prémio Camões, soubemos, soubemo-lo nesse instante, que o cão que tinha encontrado a sua casa não ia ter outro nome que o do grande poeta português. E assim, pelo menos em Lanzarote, Camões foi mencionado centenas de vezes por dia, foi vida e foi homenagem. E este cão doce e nobre, que nunca aprendeu a comer devagar porque, até chegar à Casa, tinha tido que lutar contra a fome e o abandono, com a sua gravata branca desenhada no pelo negro, que foi o modelo para “O Achado” d’ *A Caverna*, um cão que, como todos os cães que Saramago inventa, é a melhor resposta animal à melhor consciência humana, morreu com todos os seus anos e sempre amado.

¹ www.josesaramago.org.

Quando o cão chamado Camões regressou a casa depois da morte de José Saramago, não conseguiu aceitar a ausência. Esteve inquieto durante o dia, mas quando chegou a noite e não viu o dono nem na cama nem no sofá que ocupava habitualmente, quando uma e mil vezes percorreu o espaço entre os dois quartos, quando percebeu que o dono já não estava nem ia estar, que isso é a morte, uivou, gritou, rasgou-se numa dor que arranha a alma só de descrevê-la. Não bastaram abraços para consolá-lo, nem palavras carinhosas: ia e vinha de um lugar para outro, numa correria que partia o coração, gemia com uma dor humana. Por isso, um amigo que estava lá em casa e ali passou a noite, intitulou no dia seguinte a sua coluna jornalística: “Camões chora por Saramago”.

Saramago já não poderá chorar por Camões, agora que morreu tão docemente como viveu, tão honestamente animal que apetece aprender com a sua forma de estar na vida. Ou talvez, sem chorar, se encontrem na sensibilidade criada que nada nem ninguém pode destruir, porque tanta vida partilhada, e em companhia tão amável, não pode perder-se. Estão por aí, em livros e memórias, em corações que não se rendem, José Saramago com os seus três cães, Pepe, Greta e Camões, pondo beleza no mundo, imortais na vivência pessoal dos que sabem ver e também sentir.

O cachorro é irresistível. Não há quem não sorria, se derreta ou chore por seu cãozinho. Humanidade, realmente, ninguém possui mais do que esse bichinho!



A escritora **Nélida Piñon** (1937–2022) contou ao jornal argentino *Página 12* que incluiu seu cachorro pinscher Gravetinho Piñon, a quem dedicou o livro *Uma Furtiva Lágrima* (2019), como herdeiro em seu testamento, asseverando: “Eu disse a ele: olha para mim, Gravetinho, presta atenção, a partir de hoje, você é tão dono deste apartamento como eu; te prometo que, se alguma coisa me acontecer, o seu futuro estará garantido.” Gravetinho, no entanto, faleceu, deixando Nélida “devastada” e sendo notícia no jornal *O Globo*, com a manchete: “Morre Gravetinho, o cachorro que Nélida Piñon considerava um filho.”² “Ele importava mais que as glórias literárias, que certos bens que não me davam crédito. Eu já sabia que o amor é tudo. Ele era tanto. Era a alegria da casa”, disse Nélida na ocasião.

² <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/morre-gravetinho-o-cachorro-que-nelida-pinon-considerava-um-filho.html>.



The Beatles, a maior banda de todos os tempos, tinha sua mascote canina: Martha, a cadela de **Paul McCartney**. A cachorrinha, da raça old english sheepdog, virou música, numa canção que se tornou épica: *Martha, My Dear*. Martha, que participou de inúmeras gravações da banda de Liverpool, inspirou Paul a afirmar que ela ficava paralisada quando ele começava a tocar piano. Um dos descendentes de Martha, chamado Arrow, aparece na capa do disco *Paul Is Live*, atravessando a Abbey Road.

Ao lado, Martha com George, Ringo, Lennon e Paul.

Abaixo, capa do disco *Paul is Live*, de Paul McCartney e, embaixo, Martha com Paul e John.





A banda londrina **Pink Floyd** também tem uma música inspirada em um cachorro. A canção *Seamus* foi composta em homenagem ao cão *Seamus*, animal de estimação de Steve Marriott, grande amigo de David Gilmour. Gilmour gostava tanto do cão, que ainda colocou grunhidos e latidos de *Seamus* na gravação original da canção. O cachorro ainda participou de alguns shows da banda, como na apresentação que virou o disco *Live at Pompeii*, gravado nas ruínas do anfiteatro italiano, em 1972.

Robert Plant, do Led Zeppelin, dedicou a música *Bron-Y-Aur Stomp* ao seu cão *Strider*, ressaltando que a amizade com o animal é uma amizade pura e que *Strider* é o cão gentil, o melhor amigo que já conheceu.

“So of one thing I am sure, it’s a friendship so pure
Angels singing all around my door, so fine
Yeah, ain’t but one thing to do spend my natural life with you
You’re the finest dog I knew, so fine”³

³ Tradução livre: “De uma coisa eu tenho certeza, é uma amizade tão pura/ Anjos cantando em volta da minha porta, tão magnífico/ Sim, só há uma coisa a fazer, gastar minha vida natural com você/ Você é o melhor cão que já conheci, tão legal”.

O músico canadense **Neil Young** compôs *Old King*, em homenagem ao seu cão *Elvis*, e a pianista norte-americana *Norah Jones* dedicou ao seu poodle *Ralph* a canção *Man of the hour*, com uma letra bem divertida que fala sobre seu cão: “Você nunca mente. E você não trai. E você não tem qualquer bagagem amarrada em suas patas.” A banda brasileira *Os Mutantes*, no último álbum lançado com *Rita Lee* como vocalista, lançou *Vida de Cachorro*, com versos divertidos e leves:

Vamos embora, companheiro. Vamos.
Eles estão por fora do que eu sinto por você.
Me dê sua pata peluda. Vamos passear
Sentindo o cheiro da rua.
Me lamba o rosto, meu querido. Lamba
E diga que também você me ama.

Sem os cachorros,
a vida dos humanos
não seria a mesma!

Os animais ensinam humanidade aos humanos;
amor aos descrentes;
lições de companheirismo aos solitários;
aulas de lealdade aos egoístas.
Esses sentimentos inspiraram a escrever
esta obra no papel do carinho.

Este livro foi impresso no inverno de 2025,
pela gráfica **XXXXXXXXXX**,
em papel Alta alvura 120gr/m² da Suzano.

Neste projeto foram utilizadas as famílias tipográficas
Cooper, do designer Oswald Bruce Cooper;
Sanuk, de Xavier Dupré; **123 Marker**, de Olivier Mordefroid;
e **Castle** da URW Type Foundry.



THÉLIO QUEIROZ FARIAS é natural de Campina Grande-PB. Bacharelou-se em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), possui Especialização em Direito Civil pela Universidade Humboldt (Berlim, Alemanha). Integrou a Comissão de Estudos Constitucionais do Conselho Federal da OAB, presidiu a Comissão de Estudos de Filosofia e Literatura no Direito da OAB/PB. Titular da cadeira n. 11 da Academia Paraibana de Letras; da cadeira n. 23 da Academia de Letras de Campina Grande, da qual é o atual Presidente; e da cadeira n. 3 da Academia de Letras de Areia. Sócio-correspondente do IAHGP — Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano. Autor de 23 livros, entre títulos jurídicos, ensaios, poesia, biografias, relatos de viagens e história. É advogado militante, com escritórios em Campina Grande, João Pessoa e Recife.

Cãozinho de raça indefinida, Bingo herdou dos poodles a esperteza e a graça; dos lhasas, a preguiça e o espírito protetor; e, ainda, dos vira-latas, a lealdade e a disposição para as brincadeiras.

Contador de histórias e apreciador da melhor prosa e poesia, físgou-me pela palavra e pela capacidade de enxergar com clareza os seres humanos em suas fraquezas e ambiguidades.

Marília Arnaud

